



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CAMPUS SOBRAL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**MESTRANDA: THAMILA CRISTINA DOS SANTOS DA SILVA**

**ORIENTADORA: DR<sup>a</sup> ÉRICA ATEM GONÇALVES DE ARAÚJO COSTA**

**Mapa das zonas de vizinhanças: tecnologia para encontros (im)possíveis no fazer políticas públicas de guardas municipais e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados de sobral.**

**LINHA DE PESQUISA 1: EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**Sobral**

**2022**

THAMILA CRISTINA DOS SANTOS DA SILVA

**Mapa das zonas de vizinhanças: tecnologia para encontros (im)possíveis no fazer políticas públicas de guardas municipais e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados de sobral.**

Trabalho apresentado como requisito para conclusão do mestrado em Psicologia e Políticas Públicas do Programa de Pós-graduação em Psicologia e Políticas Públicas do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa

**Sobral**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S584m Silva, Thamila.

Mapa das zonas de vizinhanças: tecnologia para encontros (im)possíveis no fazer políticas públicas de guardas municipais e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados de sobral. / Thamila Silva. – 2022.

113 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2022.

Orientação: Prof. Dr. ÉRICA ATEM GONÇALVES DE ARAÚJO COSTA.

1. Políticas públicas. 2. Necropolítica. 3. Dispositivo artístico-político. 4. Políticas formativas. I. Título.

CDD 302.5

---

**THAMILA CRISTINA DOS SANTOS DA SILVA**

**Mapa das zonas de vizinhanças: tecnologia para encontros (im)possíveis no fazer políticas públicas de guardas municipais e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados de sobral.**

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia e Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Deisimer Gorczewski  
Universidade Federal do Ceará

Sobral, 28 de Junho de 2022

Para aqueles que narram, que não esquecem,  
que dançam, que trabalham nas trincheiras,  
que não sucumbem aos projéteis e  
que inventam outros caminhos.

## Agradecimentos

Com coragem e carinho, reconheço que em mim habita uma mulher de fôlego, luta e sonho. Agradeço a ela nestes últimos anos pelos momentos que resisti e pelos momentos que desisti, agradeço por ter encontrado nesses anos de formação sentido nas palavras resistência e desistência. Porque resisti e também porque desisti foi possível seguir esta viagem.

Encontrar sentido no mestrado profissional de Psicologia e Políticas Públicas no furacão de uma das mais devastadoras crises sanitárias e políticas como a Pandemia de Covid-19, geridas por um governo cujo projeto político é a morte, só foi possível pelos encontros sensíveis que me encorajaram a respirar da forma como conseguisse no meio de tanta escassez. Minha gratidão pelos amores-amigas-amigos que deambulam passos firmes que reconheço de longe no meu mapa de vizinhanças.

Agradeço ao Nei, seus delírios incendiaram caminhos de prece, de pranto, de dengo e de transformação por uma política da cura, da revolução e da diferença. Obrigada pela presença, por ler tantas vezes meu texto, por fazer perguntas sensíveis, por cozinhar coisas saborosas, por me apresentar Castiel, Krenak, Layo e tantas outros seres incríveis. Reverencio a nossa amorosidade, parente.

Ao Ghibli, Clarice, Tigre e Passamento, nossa amizade sempre me lembra do que realmente importa.

À Helena, que nasceu durante esta pesquisa. O seu nascimento fez o futuro parecer possível. Thalena e Diego obrigada pela imensidão de ternura.

À Cristina e ao Eudes, certamente as pessoas que mais me oferecem cotidianamente o sentimento de amor como responsabilidade e comprometimento. Fazemos festa com essa conquista, temos a gente e isso é tanto!

À Oriete e Neirton, que me cuidam, que cuidam das nossas plantas e tem um jeito generoso de me tornar parte da família.

À Hortência, que é ponta de lança e amorosidade. Você me lembrou muitas vezes porque escrevo, porque pesquiso e porque fazia sentido continuar acreditando.

À Clara, pela ilustração do rio acaraú que eu sonhava em ver no mundo. Muito de você está na forma como eu aprendi a dizer as palavras formação e carinho..

À Joici, Kelly, Ana Lourdes, Rose, Maria Júlia, Nayane e Kátia, mulheres que foram cuidado, acalanto e sustentação, me seguraram pela mão e me embalaram de cuidado.

Ao grupo de mulheres da UGP-PV, tem muito de vocês aqui.

Aos trabalhadores sentipensantes da UGP de Prevenção de Violências, lugar-afeto de sonho-ação coletivos.

À Glória, Leticia e Gênesis, pessoas comprometidas com outras formas de vida no presente.

À Genete, Léo e Moisés, que confiaram no nosso encontro e generosamente toparam colaborar inteiramente com este trabalho. As vozes, os saberes e os corpos de vocês anunciam um horizonte de vida.

À Milena, Georgia e Tássya, ô bem querer. As vibrações e acalanto de vocês sempre chegaram até mim.

Ao Hamilton, que me escutou durante todos esses intensos anos.

À Deisimer e ao João, gente tão sabida e tão generosa. Essas sempre serão as melhores pessoas! Obrigada pela leitura comprometida com meu texto.

À Érica, orientadora amorosa que construiu com integridade um espaço de aprendizagem entre nós que abriu passagem para nossa intensidade, mistério, confiança, beleza, dissenso, tempo, vertigem, angústia, delírio e a experiência com coisas reais. Que bom que você tem um guarda-chuva para o caos (rindo de nervoso!). Obrigada por embarcar nas

minhas perguntas, por imaginar outros mundos e por sustentar junto comigo outros modos de viver (n)a Universidade.

À Dona Socorro (in memoriam), pelos almoços partilhados, pelas caronas inspiradoras e por dizer tão docemente que eu ia conseguir finalizar este trabalho. Honraremos seu nome re(existindo) e lutando.

Aos professores e funcionários do Curso do Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da UFC-Campus Sobral, vocês fazem esse curso ser sensível, atento, forte e político. Cito o nome daquelas e daqueles que fazem travessia com meu coração de estudante: Rita, Nara, Carol, Camila, Aquilles, Pablo, Isaurora e presentemente Denise!

## Resumo

O panorama específico de acirramento de violências, mais precisamente as que se expressam por homicídios de adolescentes e jovens, se manifesta de forma ampliada na região Nordeste do Brasil. O Atlas da violência (2016) e o Relatório do Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na adolescência (2016) descrevem que o Estado do Ceará teve um aumento de 122,8% na taxa geral de homicídios no período de 2005 a 2015, saltando de 1.699 para 4.163 mortes. Esta pesquisa insere-se no campo problemático da expressiva violência letal, pois o fazer políticas públicas em territórios periféricos sofre efeitos de uma necropolítica que repercute em seus agentes. O conceito-ferramenta de necropolítica intersecciona esta pesquisa, alinhando tópicos e reflexões. Trabalhamos com referenciais teóricos das políticas formativas e da filosofia da diferença em intercessão com perspectivas cartográficas que relacionam políticas de formação, territórios e subjetivação. Discute-se a partir de uma proposta de formação em Direitos humanos produzida pela Unidade de gerenciamento de projetos de prevenção de violências (UGP-PV) com guardas municipais e articuladores da juventude que atuam em territórios periféricos de Sobral-CE. Metodologicamente, optou-se pela pesquisa-intervenção para construção com três agentes da política um dispositivo artístico-político intitulado mapa de vizinhanças, tendo como ponto de partida formações vivenciadas na UGP-PV: duas com guardas municipais no ano de 2019, acompanhada pela pesquisadora na condição de formadora e uma formação vivenciada pelos articuladores da juventude na mesma unidade, mas sob matriz curricular diferente no ano de 2018. Consideramos para análise o processo de construção do dispositivo com guardas e articuladores e as questões analisadoras que emergiram nesse percurso que problematizam demandas pela formação e os modos de atuação cotidianos em enfrentamento à necropolítica. Como produto técnico desta pesquisa, criamos um dispositivo formativo artístico-político, o Mapa da zona de vizinhanças, que põe em análise questões formativas vivenciadas por estes agentes e pode ser uma referência para formações futuras que ponham em diálogo as diferenças.

**Palavras-chave:** Políticas públicas; Necropolítica; Dispositivo artístico-político; Políticas formativas.

## ABSTRACT

The specific panorama of the intensification of violence, more precisely those expressed by homicides of adolescents and young people, is manifested in an expanded way in the Northeast region of Brazil. The Atlas of Violence (2016) and the Report of the Ceará Committee for the Prevention of Homicide in Adolescents (2016) describe that the State of Ceará had a 122,8% increase in the general rate of homicides in the period from 2005 to 2015, jumping from 1.699 to 4.163 deaths. This research is part of the problematic field of expressive lethal violence, as public policies in peripheral territories are affected by necropolitics that have repercussions on their agents. The tool-concept of necropolitics intersects this research, lining up topics and reflections. We work with theoretical references of training policies and the philosophy of difference in intercession with cartographic perspectives that relate training policies, territories and subjectivation. It is discussed based on a proposal for training in human rights produced by the Unit for the Management of Violence Prevention Projects (UGP-PV) with municipal guards and youth articulators who work in peripheral territories of Sobral-CE. Methodologically, an intervention research was chosen to build with three policy agents an artistic-political device called a map of neighborhoods, having as a starting point the formations experienced in the UGP-PV: two with municipal guards in the year 2019, accompanied by the researcher in the condition of trainer and a training experienced by youth articulators in the same unit, but under a different curricular matrix in the year 2018. We considered for analysis the process of construction of the device with guards and articulators and the analyzing questions that emerged in this path that problematize demands for the formation and the daily ways of acting in facing necropolitics. As a technical product of this research, we created an artistic-political formative device, the neighborhood zone map, which analyzes formative issues experienced by these agents and can be a reference for future formations that put differences in dialogue.

**Keywords:** Public policies; Necropolitics; Artistic-political device; formative policies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES CARTOGRÁFICAS

Imagem 1 - Notas de leitura do livro Necropolítica de Mbembe.....	13
Imagem 2: Rascunhos para elaboração do mapa de vizinhanças.....	18
Imagem 3: QRcode - Cenografias do encontro com artista-articulador.....	22
Imagem 4: Sobrevoou no caiçara.....	36
Imagem 5: Extensão do Rio Acaraú cortando a cidade de Sobral.....	39
Imagem 6: QR code - Cantar é comigo mesmo .....	43
Imagem 7: Mapa de vizinhanças do Artista-articulador.....	45
Imagem 8: Mapa de vizinhanças da guarda-cantora.....	46
Imagem 9: Mapa de vizinhanças do B-boy.....	48

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCPHA	Comitê Cearense Pela Prevenção De Homicídios na Adolescência
UGP - PV	Unidade de gerenciamento de projetos de prevenção de violências
UFC	Universidade Federal do Ceará
SEDHAS	Secretaria dos direitos humanos, habitação e assistência social
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual

## Sumário

<b>1. Pesquisar encontros (im)possíveis.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Habitar territórios existenciais como caminho formativo.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 Vizinhanças que incendeiam caminhos.....</b>	<b>25</b>
<b>2. Mapa das zonas de vizinhanças como dispositivo metodológico.....</b>	<b>31</b>
<b>3. Conversações ficcionais entre violências e resistências.....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 Vozes que não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada - como se o menino tivesse andando no céu.....</b>	<b>36</b>
<b>3.2 A gente podia ir na margem do rio.....</b>	<b>40</b>
<b>3.3 As lentes de uma educação menina em direitos humanos.....</b>	<b>44</b>
<b>4. Um modo de concluir - anunciando o fim da partida.....</b>	<b>50</b>
<b>Referências .....</b>	<b>52</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>54</b>

## 1. Pesquisar encontros (im)possíveis

Esta pesquisa é um percurso andarilho pelas tramas entre violências e resistências na cidade de Sobral, município cearense no qual atuo como trabalhadora das políticas públicas de Direitos Humanos e da Assistência Social (SEDHAS), através da Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção de Violências (UGP-PV) e onde curso o Mestrado profissional em Psicologia e Políticas Públicas na Universidade Federal do Ceará (UFC - Campus Sobral).

Como modo de escrita, opto por escrever este trabalho ora em primeira pessoa do singular, para fortalecer a experiência da singularidade na multiplicidade, ora em primeira pessoa do plural, para conjugar a imensidão política e afetiva de vozes que constituem este trabalho. Verás que tento um exercício de escrita cuja proximidade se dá pelo tom de conversa, por isso as vozes dos participantes da pesquisa tramam com os conceitos, que conversam trechos do diário de campo, que abrem caminhos para fragmentos visuais como fotografias, prints, vídeos e anotações que me ajudaram a compor a narratividade do trabalho. São elementos que costuram o texto da dissertação como um ateliê de multilinguagens.

O referencial que nos acompanha nesse itinerário de escrita é de uma política da narratividade que se expressa a partir do encontro com os participantes da pesquisa. Nesse sentido, as marcas de gênero se inscrevem durante o texto com uma escrita que se expressa tanto no feminino quanto masculino e, sobretudo, na pluralidade de existências LGBTQIAP+. A política de narratividade é uma posição que tomamos quando definimos uma forma de expressão pelo que acontece. Deste modo, tomamos como inspiração que “o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político”. (Passos, Barros, 2015, p. 151)

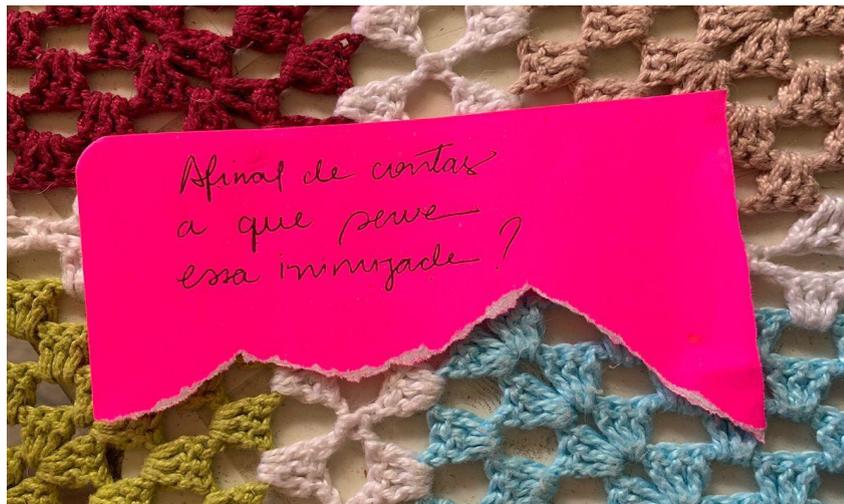
Em interseção com a política de narratividade, as visualidades mobilizam meu percurso como pesquisadora, artista visual e trabalhadora das políticas públicas no campo dos direitos humanos e prevenção de violências, especificamente como gerente da célula de comunicação colaborativa, criativa e cidadã na Unidade de gerenciamento de projetos para prevenção de violências (UGP-PV) em Sobral, com atribuições vinculadas à formação, comunicação comunitária e criação de narrativas visuais afirmativas para enfrentamento de violências.

É através da UGP-PV que minha trajetória como gestora pública, psicóloga social, artista visual, mulher, branca, cisgênero, sobralense e moradora do centro da cidade se cruza com a trajetória de adolescentes e jovens do território I e II de Sobral, que corresponde aos bairros Vila União, Terrenos Novos, Residencial Nova Caiçara, Dom José, Sumaré, Padre Palhano e Centro A, lugares de atuação da UGP-PV devido a expressiva manifestação de violência letal de jovens de 10 a 29 anos.

Insurgir como corpo que habita um ethos profissional pede passagem também no âmbito desta pesquisa-intervenção, ainda mais neste panorama específico de instabilidade no campo da saúde pública global e do acirramento de violências, mais precisamente as que se expressam por homicídios de adolescentes e jovens e se manifesta de forma ampliada na região Nordeste do Brasil. A taxa de homicídios no Ceará cresceu 159,7% ao longo de 11 anos. O índice passou de 23,2 homicídios por 100 mil habitantes em 2007 para 60,2 em 2017, conforme demonstra o Atlas da Violência (2019), a partir dos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e do Ministério da Saúde. (CADA VIDA IMPORTA, 2019.2). Em 2020, dados da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, apontaram que a violência letal contra meninas adolescentes disparou. De 114 adolescentes que haviam sido assassinadas no estado do Ceará em 2018, houve um aumento de 43% em relação a 2017 e de 322% em comparação com 2016.

Esta pesquisa, portanto, insere-se no campo problemático da expressiva violência letal. Cenário necropolítico que repercute efeitos nos agentes das políticas que trabalham em territórios vulnerabilizados. O conceito-ferramenta de necropolítica intersecciona a pesquisa, alinhando tópicos e reflexões. Neste momento, sinalizamos que o tomamos como referência como proposto pelo filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe (2018, 2020) para instrumentalizar o cálculo de produção da morte pelo Estado, através da expressão do racismo.

Imagem 1: Notas de leitura do livro Necropolítica de Mbembe



Fonte: elaborada pela autora (2022)

Mbembe (2020) descreve que o motor do princípio necropolítico é o racismo, este poder opera por uma espécie de reversão entre a vida e a morte, como se a vida não fosse outra coisa senão o veículo da morte. Esse princípio "(...) está em ação no processo pelo qual, atualmente, a simulação permanente do estado de exceção justifica a "guerra contra o terror" (...) uma guerra que extrai suas armas do "mal" que alega erradicar." (Mbembe, 2020, p.69). Deste modo, diante de uma guerra de "erradicação do mal", reivindica-se o direito à crueldade, à tortura e à detenção ilimitada.

O conceito de necropolítica nos ajuda na problematização de noções como estado de sítio, militarização social e criminalização da pobreza nas sociedades contemporâneas. Nessa direção, o conceito dialoga diretamente com a problemática da violência letal que tem como alvo jovens, negros e periféricos em um estado permanente de vigilância, terrorismo, zonas de segregação e repressão em uma linha tênue entre legalidade burguesa e total ausência de lei.

A necropolítica é um pensamento complexo que oferece muitas formas de compreensão para processos políticos contemporâneos. Letícia Parks (2021) faz uma leitura crítica desse conceito e nos lembra que é preciso dizer que está apontado para nosso futuro um caminho de morte, mas também está apontando um caminho de que não é desilusão, morte e distopia. Essa leitura crítica envolve a denúncia de uma política de morte, mas sobretudo, amplifica as lutas em curso de trabalhadoras e trabalhadores que tem sido elaboradas no presente, onde guerra e política não estão descoladas. No sistema colonial capitalista, é lucrativo propagar que não há saída. Contudo, como ressalta Parks (2021), o mundo está em convulsão, as vidas negras, feministas, indígenas e proletárias não estão

silenciadas diante da opressão e exploração, por isso, novas lutas estão por vir e é sempre possível transformar mundos. Por isso, o exercício político que fazemos neste trabalho é cartografar o enfrentamento à necropolítica no cotidiano dos agentes das políticas públicas.

Mbembe (2020) elabora que no governo do terror é necessário dirigir-se a um grande inimigo que devemos a todo custo aniquilar. No contexto das políticas de prevenção de violências no Brasil e especificamente, em Sobral, no Ceará, agentes da segurança pública e juventudes periféricas são comumente entrelaçados a partir de conflitualidades, disputas, violações e exclusão, diminuindo a potência para o enfrentamento coletivo das situações de violência.

Nesse sentido, foi pelas/nas composições entre nosso trabalho como formadora na UGP-PV, a vida em Sobral e as resistências em curso, que formulamos o problema desta pesquisa: Como uma política de formação com guardas municipais e articuladores e articuladoras da juventude enfrenta questões da necropolítica e engendra resistências nos processos cotidianos de trabalho? Para tal, as experiências de alguns guardas municipais e articuladores da juventude que vivenciaram processos formativos UGP-PV entre os anos de 2018 e 2019 tornaram-se campo desta pesquisa, uma vez que a unidade tem constituído diretrizes desde o ano de 2018, através das evidências e recomendações do relatório Cada vida importa (2016), para políticas formativas que atuem na transformação da situação de violência e conflitualidade de territórios periféricos.

Na tentativa de pensar (com) o cruzamento dos caminhos formativos de articuladores de juventude e guardas municipais, tecemos nesta pesquisa uma experiência para encontros (im)possíveis com três desses agentes das políticas, percorrendo a partir da escuta, do vínculo e da narratividade cartográfica a criação do dispositivo artístico-político **mapa das zonas de vizinhanças**, uma tecnologia para o encontro de aprendizagens no e com o território a partir dos fazeres de agentes da política pública.

Tomamos como interlocução a noção de dispositivo como ferramenta analítica proposta por Foucault (1999) como um conjunto heterogêneo que tece uma rede ditos e não ditos entre discursos, instituições e enunciados. Foucault trama este conceito a partir de três dimensões: saber, poder e a produção de modos de subjetivação. É na operação complexa entre esses eixos e na produção que os sujeitos formulam de si e do mundo a partir das relações entre a política pública, o Estado violento e o enfrentamento à necropolítica que

tomamos a noção de dispositivo artístico-político como relevante para esta pesquisa. Uma ferramenta que pode criar zonas de problematização e análise das práticas dos articuladores de juventude e da guarda municipal, visibilizando entrelaçamento das aprendizagens cotidianas que estes sujeitos vivenciam no território.

Importante considerar que a possibilidade de um encontro (im)possível entre agentes da política pública não propõe um apaziguamento e/ou neutralização das forças de tensão, contradição e complexidade entre territórios vulnerabilizados pela segurança pública. A política de aniquilamento brutal que o Estado produz, tendo a militarização como projeto de morte é estrutural e estruturante de um sistema colonial e capitalista. Por isso, propomos através do Mapa das zonas de vizinhanças um diálogo formativo entre dois articuladores de juventude e uma guarda municipal que se expressa como uma conversa forjada a partir das complexidades e sensibilidades nos modos de fazer e de (re)existir frente ao necropoder.

No percurso da pesquisa, tivemos encontros individuais com três participantes, dois articuladores de juventude e uma guarda municipal, que ocorreram através de entrevistas cartográficas onde foram produzidos diários de campo e transcrições das entrevistas na íntegra. No decorrer das entrevistas cartográficas experimentamos um modo de fazer que intitulamos de **mapa de vizinhanças**, uma artesanania que se compôs através de perguntas e elaboração de um mapa com os materiais que estavam disponíveis, como as fotografias que dialogam com cenas da pesquisa registradas pela pesquisadora nos momentos visitas ao território e/ou intervenções de trabalho na UGP-PV, além de outros recursos táteis como tinta, pincel, lápis de cor, barbante e folha A3.

Como o encontro com as/os participantes se deu de forma individual, gostaríamos de suscitar a partir dos elementos analisadores de cada conversa, como as fotografias e perguntas, um encontro ficcional a partir do cruzamento dos mapas elaborados pelos participantes. Este exercício ficcional tem relação com a problemática da pesquisa pois nos interroga como criar uma vizinhança entre trajetórias que comumente estão em pólos de inimizade cruzados pela necropolítica.

Nessa direção, a noção de vizinhança surge como horizonte ético para o que materializamos como dispositivo artístico-político, algo que pode ser usado, adaptado, disponibilizado e que produza efeitos de problematização para os campos das políticas formativas, de arte, educação e direitos humanos.

A ficcionalidade de um inimigo sustenta as políticas de morte e naturaliza o extermínio do Estado, como analisa Mbembe (2018). Elaboramos, portanto, um outro exercício político a partir da ficção, problematizando como os campos da arte, da política e dos direitos humanos podem ser instrumento de imaginação política como alternativa de enfrentamento à necropolítica.

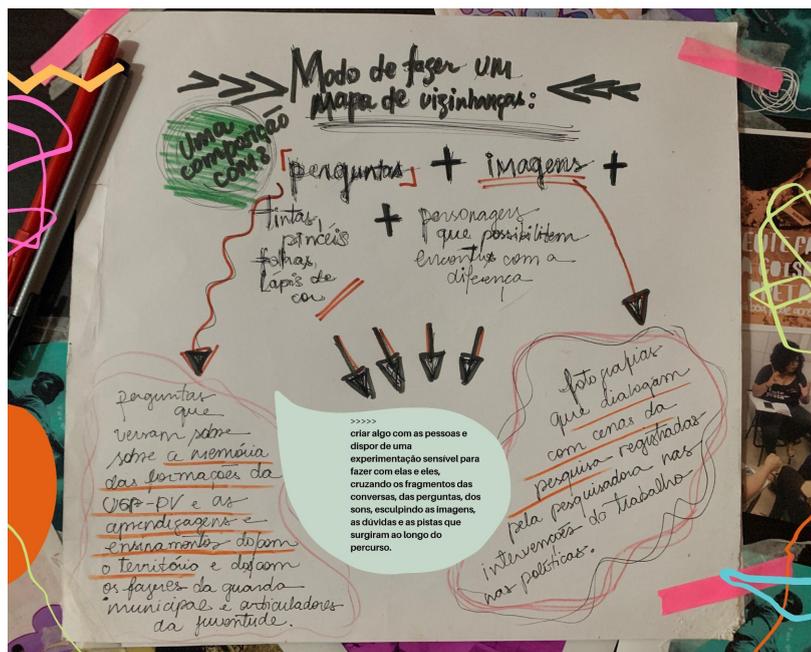
Utilizamos a expressão ficção em trama com os estudos de Rancière (2009) sobre arte e política, não como oposição a um regime de verdade mas como efeito político que faz emergir o laço social a partir de vetores como a memória, o discurso, as narrativas e as imagens. Nesse sentido, “A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ‘ficções’, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o se faz e o que se pode fazer. (Rancière, 2009, p. 59).

Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer. Definem variações das intensidades sensíveis, das percepções e capacidades dos corpos. Assim se apropriam dos humanos *quaisquer*, cavam distâncias, abrem derivações, modificam as maneiras, as velocidades e os trajetos segundo os quais aderem a uma condição, reagem a situações, reconhecem suas imagens. Reconfiguram o mapa do sensível confundindo a funcionalidade dos gestos e dos ritmos adaptados aos ciclos naturais da produção, reprodução e submissão. (Rancière, 2009, P. 59)

Compomos com este conceito pelos efeitos que a ficção provoca no real. Deste modo, o mapa das zonas de vizinhanças atua como um dispositivo formativo ficcional que escreve histórias de personagens que se encontram no plano da invenção. Com efeito, isso não tem relação com a irrealidade das coisas, mas com a produção delas.

Em resumo, propomos planos diferentes de pesquisa. Em um primeiro momento, experimentação para elaboração do Mapa de vizinhanças, cruzando os fragmentos das conversas, perguntas, sons, esculpindo imagens, dúvidas e pistas que surgiram ao longo do percurso. No plano seguinte às conversas individuais, foi possível criar um exercício ficcional de encontro entre os mapas construídos pelos participantes. A esse exercício intitulamos Mapa das zonas de vizinhanças, movimento que amplificou as vozes dos sujeitos e cruzou várias zonas complementares e dissidentes em um espaço comum.

Imagem 2: Rascunhos para elaboração do mapa de vizinhanças



Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Atentas aos ensinamentos da política de narrativa, optamos por apresentar os participantes da pesquisa como personagens que suscitam nossa imaginação política, um gesto que catalisa discursos ditos e/ou escritos nos mapas de cada personagem. Todos os participantes autorizaram o uso da imagem e do nome próprio nos registros da pesquisa, optamos por inventar outro modo de chamá-las(los) para que o exercício de nomear as pessoas, paisagens e políticas sejam também fruto de uma produção com a alteridade. Efeitos dos diálogos com aquilo que não se é (como acabado) mas pode vir a ser no/do encontro. Os personagens da pesquisa são descritos como **Margem do rio, Estado violento, Artista-articulador, B-boy, Guarda-cantora e Cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas.**

O modo de fazer cartográfico inspirou várias formas de encontro com estes os mapas de vizinhanças das(os) personagens, já que a composição singular que cada sujeito expressava com o seu mapa nos convidava a habitar territórios existenciais múltiplos, com agenciamentos coletivos. Por isso, o Mapa das zonas de vizinhanças se tornou um material multimídia sensível, tátil, sonoro e visual. Uma ferramenta de várias linguagens para conversação com as políticas públicas, com os espaços formativos, com a Universidade e com outros espaços que possibilitem encontro com a diferença. É um produto técnico que tem como objetivo a documentação sensível do encontro com agentes da política pública que comumente estão impossibilitados de diálogo no seu cotidiano devido ao projeto necropolítico em curso.

### 1.1 Habitar territórios existenciais como caminho formativo

A produção do mapa das zonas de vizinhanças se relaciona com a ideia de colocar em jogo movimentos dissidentes e heterogêneos a partir de territórios existenciais. Nesse sentido, trabalhamos a partir do conceito de território proposto por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, no capítulo “Acerca do ritornelo” (1997), cuja tessitura se passa pela expressão, ritmo e não pela funcionalidade utilitária de uma identidade.

Os autores sugerem que a formação de um território não acontece pela divisão, como habitualmente se estrutura, a partir das formas de parentesco, de política e de economia. Para Deleuze e Guattari o que explica um território é a passagem transversal por outros agenciamentos territoriais. “Trata-se menos de evolução do que de passagem, de pontes, de túneis. Já os meios não paravam de passar uns pelos outros. Mas eis que os meios atravessam o território. (...) O território é ele próprio, lugar de passagem.” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 115) Desse modo, a constituição do território de jovens periféricos e da segurança pública se engendram com vetores que se afetam transversalmente. Interessava-nos, portanto, tangenciar através do mapa das zonas de vizinhanças a dimensão formativa entre os movimentos de territorialização e desterritorialização. “já que “um componente territorial ou territorializado pode pôr-se a germinar, a produzir (...)”. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 118). Deste modo, para problematizar os modos de fazer cotidianos desses sujeitos com seus territórios como enfrentamento da necropolítica, elaboramos perguntas sobre o que elas e eles aprenderam e ensinaram ao território.

Na entrevista cartográfica de um dos articuladores da juventude da UGP-PV podemos visualizar como se expressa a multiplicidade de vetores que povoam um mesmo território.

O território é diverso. (...) O que faz eu andar lá (em um bairro rival) é que a galera tem respeito pelo que represento, o crime mesmo sabe disso, eles têm a lei mas eles sabem que às vezes é preciso ceder. (...) eles dizem: aquele cara é o cara do hip hop, ele vem aqui para fazer cultura para os pivete e essa construção abre passagem. (Trecho da entrevista com b-boy, 2022).

Dialogando com a perspectiva de B-boy, a homogeneização não define um território mas o respeito pelo Hip-Hop, pela produção de um sensível, abre passagem para outros

agenciamentos. A diversidade de um território é sua potência. “É aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos sem deixar de ser heterogêneos” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 123).

A expressão da diferença no território vulnerabilizado também foi considerada na entrevista cartográfica da profissional da segurança pública municipal, quando ela lembra da formação em direitos humanos que vivenciou através da UGP-PV no ano de 2019.

(...) naquela formação estávamos em campos diferentes. A galera dos direitos humanos, a galera da guarda. Só que tinha algo que nos ligava ali. (...) A cultura do medo é implantada nas pessoas, quase sempre o agente de segurança é inimigo e ele é inimigo não só porque você o teme mas porque eles agem como tal. (Trecho da entrevista com a guarda-cantora, 2022).

Nesse sentido, a guarda-cantora problematiza este território regulado pelo medo, pela zona de tensão, destacando uma outra composição de coexistência a partir dos campos diferentes. Durante o percurso das entrevistas cartográficas, ficamos atentas à elaboração de singularidades de cada personagem ao habitar seu território.

Dessa perspectiva, o papel da atenção na cognição inventiva não é um processo único e homogêneo de um investimento de resolução de tarefas. As investigações da política cognitiva inventiva, propostas por Kastrup (2008), nos ajudaram a compor os caminhos formativos desta pesquisa, apostando mais na noção do cultivo do que do acúmulo de aprendizagens. As perguntas elaboradas para os sujeitos tratavam-se “de ativar gestos, aumentando sua força através do exercício e do treino.” (Kastrup, 2008, p.169). De modo que novas perguntas surgiram desse encontro, como a ideia de um caminho de vizinhanças a partir dos modos de fazer política pública no cotidiano. Do ponto de vista da aprendizagem inventiva, a aprendizagem da atenção envolve a concentração com a experiência, “o funcionamento da atenção com a modulação da intencionalidade. (...) Representando um afastamento das tarefas pré-definidas e das informações externas, o funcionamento errante da atenção pode dar lugar a experiências de problematização.” (Kastrup, 2008, p.171).

Segundo a perspectiva cartográfica, um problema de pesquisa se entrecruza com a discussão conceitual e as experiências concretas vivenciadas ao habitar um território. Na posição de cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas penetrei no campo da pesquisa através da necessidade de escutar os sujeitos que vivenciaram a formação em direitos humanos da UGP-PV entre os anos de 2018 e 2019, na qual fui uma das formadoras. Outro

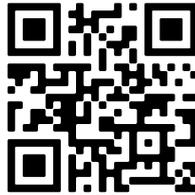
desejo pulsante foi de construir algo sensível com essas pessoas, algo que nos fizesse manejar papel, caneta, tesoura, tinta e imagens. A dimensão de uma conversa pelas mãos e não somente pelos olhos e ouvidos me interessava, pois é um aprendizado muito recorrente nas metodologias da UGP-PV, que nos conecta para a dimensão do cultivo e não somente do produtivo. Como estávamos há bastante tempo sem contato físico, mediados por telas e virtualidades, dada as condições do isolamento social fruto da pandemia de Covid, optamos pela presença física para criar algo que nos pusesse com maior intenção de proximidade.

De maneira errante, sem saber de antemão o que encontraria nos encontros mas com uma caixa de ferramentas nômade composta por imagens, tintas e papéis, lancei-me no território da pesquisa. O modo de fazer do mapa de vizinhanças foi pensado no decorrer dos primeiros encontros com o artista-articulador. Na tentativa de agendar um dia possível, trocamos mensagens de whatsapp e ele trouxe a dimensão espacial da periferia, a dificuldade de sair do seu lugar para ser entrevistado e a necessidade do cálculo de periculosidade para estar em outro território. Ou seja, as pulsações de uma entrevista cartográfica já expressavam a necessidade de conversarmos sobre rotas, caminhos, aproximações e distâncias. No diário de campo, compartilhei as sensações de habitar o território existencial da pesquisa, onde me deparei com linhas de vizinhança relacionadas à geografia, classe, raça e gênero.

Quanto mais mergulhei no universo de um território diferente do que habito ou de uma experiência de ofício que não vivo, mais questioneei os traços de colonialidade da branquitude, da militarização da polícia e da política, da hierarquia da cidade e do aniquilamento de alguns corpos. Questões que interseccionam a condição de violência cotidiana dos personagens da pesquisa e tem efeitos em relação aos nossos avizinhamentos.

Te convido para ver e ouvir um pouco de um fragmento perceptivo e afetivo que escrevi e registrei em vídeo sobre afetos de vizinhança com artista-articulador. É um trecho que problematiza essa posição de avizinhamento com o território. Para assistir o vídeo, você pode apontar a câmera para o QRcode ou clicar [neste link](#).

Imagem 3: QRcode - Cenografias do encontro com artista-articulador



Fonte: elaborada pela autora (2022)

As relações de proximidade e distância são ditos e não ditos que aparecem durante as entrevistas, a margem do rio fica bem distante do bairro que artista-articulador mora e é um território que tem a referência de uma sigla da facção rival do seu bairro. Ele não me disse isso quando escolheu ir até a margem do rio, mas em dado momento da entrevista se sentiu ameaçado por conta da presença de um transeunte e relatou este fato. Questionei a relação de perigo mas ele ressaltou que gostaria que a entrevista fosse nesse lugar. “O risco está calculado, o turno da manhã é mais de boa e tô com saudade da margem esquerda”. (Trecho do mapa de vizinhanças do artista-articulador, 2022).

Em Sobral, a margem do rio é um espaço de circulação efervescente para momentos de lazer, atividades físicas e rolezinhos de jovens do centro e da periferia. A personagem *margem do rio* insurge também no mapa de vizinhanças da guarda-cantora, que desejou ser entrevistada no mesmo local pois este havia sido seu local de trabalho como ronda da guarda municipal por cinco anos. Na elaboração do seu mapa, ela dispõe a fotografia da formação com os seus pares da segurança municipal de forma bem isolada do restante das outras imagens. Questionei o que poderia ligar as imagens que estavam distantes e ela respondeu que seriam as amizades que fez por causa do trabalho.

No decorrer da minha trajetória eu fiz amizades muito profundas através da guarda. A dona Socorro, uma vizinha aqui da margem do rio, eu conheço desde os anos 90. Eu vinha aqui na casa dela e tomava um café todos os dias, papeava bastante. Quando eu soube que ela estava com Covid eu me desesperei. Covid é traiçoeiro. Antes de vir pra entrevista eu passei na casa dela ali em cima e chorei bastante com a filha dela. Então, as amizades estão nesse meio, me ligam a guarda. (Trecho da entrevista cartográfica com guarda-cantora, 2022)

Os afetos são vetores que cruzam as linhas do seu mapa e que produzem memória na sua narrativa. Em ressonância com a experiência cartográfica, “o aprendiz-cartógrafo vai percebendo que não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnando as situações.” (Alvarez; Passos, 2015, p.147). São

aprendizados que implicam atenção aos acontecimentos, ao tempo do vivido, ao que se passa durante os acordos, gestos e negociações.

## **1.2 Vizinhanças que incendeiam caminhos**

Mia Couto, no livro *E se Obama fosse africano?* (2011), escreve um conto homônimo sobre um incendiador de caminhos, uma espécie de cartógrafo que desenha na paisagem a marca da sua presença. Com ousadia, avizinhamos os visitantes que incendeiam caminhos para produzir uma estrada na Savana africana aos personagens desta pesquisa, que deambulam rotas de suas próprias estradas no interior do nordeste brasileiro com seus modos de fazer política pública. Das duas experiências, aprende-se uma noção de cartografia pelas chamas. O fogo sinaliza as trajetórias de sujeitos que vivem em territórios vulnerabilizados. Nesse sentido, confabulamos com Mia Couto de que “não existe geografia que nos seja exterior. Os lugares — por mais que nos sejam desconhecidos — já nos chegam vestidos com as nossas projeções imaginárias. O mundo já não vive fora de um mapa, não vive fora da nossa cartografia interior.” (Couto, 2011, p.74)

Nessa perspectiva, a composição de uma narrativa a partir de um itinerário singular nos levaram à produção do mapa das zonas de vizinhanças como experimento formativo. O mapa dialoga com as questões conceituais propostas por Deleuze e Guattari no capítulo “O Liso e o Estriado” do livro *Mil Platôs* (1997) sobre o percurso nômade em um espaço liso, cujo percurso vivido na cidade cria um caminho em “(...) patchwork, diferenciais de velocidade, retardos e acelerações, mudanças de orientação e variações contínuas.” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 189) Nesse sentido, a viagem que nos inspirou ao mapa nômade não é uma alternância de um lugar para outro ou uma sobreposição do território dos articuladores ao território da guarda municipal. O que nos interessa nesses mapas é, sobretudo, “(...) o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. (...) sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas.” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 190).

Os problemas conceituais de Deleuze e Guattari (1997) quanto aos efeitos da multiplicidade, da transversalidade e da intensidade para os processos de subjetivação e diferença no contemporâneo fizeram sentido com a experiência trazida pelos personagens da pesquisa, já que o termo vizinhança partiu da possibilidade de politizar a proximidade de

territórios distintos marcados pelas expressões da necropolítica, como jovens periféricos e agentes da segurança pública.

Sabíamos, de antemão, pela experiência formativa vivenciada através da UGP-PV com estes grupos, que as linhas de violência e repressão produzem determinações de distâncias entre esses personagens, embora, as práticas cotidianas os lancem para uma aproximação constante, dado os efeitos que um território incide no outro, assim como define os autores quanto a experiência de contato entre pólos diferentes, “cada um deles é caracterizado pela forma de expressão que define o quadrado da distância entre dois pontos infinitamente próximos. (...) pontos que estão em sua vizinhança imediata, mas não podem, sem uma nova convenção, situar-se em relação ao outro.” (Deleuze; Guattari, 1997, pp.193-194).

A complexidade em relação a vizinhança se traduziu em intensidades que mensuram zonas de opressão e repressão. Como diz artista-articulador na entrevista cartográfica sobre os guardas: “Combater com violência uma coisa que tem força de guerrear com opressão não dá. você vai bater de frente com uma coisa e a parada vai voltar mais forte e bate em você. entendeu? vai continuar o mesmo ciclo vicioso.” Por isso, quando questionado como queria dispor no seu mapa das zonas de vizinhanças as fotografias da formação da guarda municipal com a UGP-PV no ano de 2019, ele não hesitou: “No momento, eu quero colocar distante, bem distante dessa, distância do pivete. (Trecho da entrevista cartográfica de artista-articulador, 2022)

O projeto de aniquilamento da necropolítica produz distância e impedimento de conversa. Incide aí, portanto, um relançamento de proximidade ao avesso, a única proximidade se dá pelo confronto e aniquilamento marcando violência e repressão das forças de segurança.

Nesta pesquisa, o mapa é um caminho que ficciona a operação deste encontro por uma aproximação que não supõe uma pacificação nem o apagamento das diferenças, mas uma politização de uma conversação com as complexidades que habitam esses territórios. Uma proximidade que abre passagem para reviravoltas, intensidades e deslocamentos entre forças que se expressam nos percursos, como nos inspira conceitualmente o texto sobre a experiência de passagem de um espaço estriado ao liso.

(...) justamente, o que nos interessa são as passagens e as combinações, nas operações de estriagem, de alisamento. Como o espaço é constantemente estriado sob acoação de forças que nele se exercem; mas também como ele desenvolve outras forças e secreta

novos espaços lisos através da estriagem. Mesmo a cidade mais estriada secreta espaços lisos: habitar a cidade como nômade, ou troglodita. Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por si só não são liberadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar. (Deleuze, Guattari, 1997, p. 214)

Nesse sentido, a intencionalidade da dimensão de vizinhança foi nossa aposta de travessia entre lugares diferentes. Se com a necropolítica a ficcionalização do inimigo cria territórios fixos cujo principal objetivo é delimitar para apagar as diferenças com a exclusão de várias existências; apostar na vizinhança pelo plano da alteridade desmancha fronteiras entre territórios fixos. A nova gestão neoliberal da diferença traça trâmites de adaptação, adequação e dominação ao que difere, contrapondo-se a isso "a travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência. (...) atravessar é ao mesmo tempo saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar." (Preciado, 2020, pp. 32-33).

A cartografia foi a paisagem ético-metodológica que possibilitou essa travessia. Sob interlocução cartográfica nos valem de estratégias de produção dos achados como entrevistas, diários de campo, fotografias, vídeos e gravações de áudio. A diversidade das linguagens traçaram uma dimensão plural ao dispositivo do mapa das zonas de vizinhanças, tentativa de rompimento com noções como fixidez, hierarquia e superioridade entre sujeitos envolvidos na pesquisa. Essa escolha expressa, portanto, uma experiência do dizer em detrimento a um dizer a partir da experiência, como destacam os autores Passos e Barros (2015, p.156), "(...) pensar esse método na inseparabilidade entre o modo de fazer e o modo de dizer".

Os autores sublinham que é sempre de narrativas que tratamos no trabalho da pesquisa e os dados coletados de diferentes técnicas indicam maneiras de narrar. (Passos, Barros, 2015). Trata-se, portanto, de escutar e contar histórias, implicar-se politicamente e evidenciar uma posição narrativa. Nesse sentido, foi necessário entender minha disposição enquanto pesquisadora no mapa, como artista, gestora pública, companheira de trabalho de dois dos entrevistados e situar-me também como personagem participante, implicada nos efeitos dessa dimensão expressiva.

Como artista-articulador pôde dar início a trama da conversação, ele escolheu a próxima pessoa a ser entrevistada, a partir de uma contextualização prévia sobre os objetivos da pesquisa. Ele destacou a importância de ouvirmos B-boy, articulador de juventude de uma outra equipe de trabalho da UGP-PV. B-boy é morador de um bairro agenciado por uma facção rival mas consegue circular pelos dois bairros, o que não acontece com artista-articulador pelos marcadores de violência que incidem sobre seu corpo por ser preto, tatuado e usar dreads. Como nomeia, “flagrante” e “vetin”.

Essa visibilidade que artista-articulador salienta sobre o risco dos corpos dos vetins é a descrição da criminalização do jovem preto, pobre e periférico, problematizada e desnaturalizada como categoria analítica por várias teóricas do campo da psicologia social, como Cecília Coimbra (2005), Lívia Nascimento (2005, 2002) e Estela Scheinvar (2009). A lente histórica, crítica e política dessas autoras interpelam os cruzamentos entre pobreza, criminalidade e periculosidade nos processos de subjetivação das juventudes periféricas, sinalizando os efeitos dessa dimensão no Estado brasileiro e nos projetos de políticas públicas para essas populações.

A produção da subjetividade criminalizada tem em nosso país uma herança da escravização, ferida fundante na constituição de nossas percepções e subjetividades sobre a pobreza. Com efeito da racionalidade produtiva do capitalismo e das políticas neoliberais, as políticas públicas estruturam-se a partir de práticas higienistas, discursos de moralidade e cálculo de periculosidade. Essa maquinaria perversa define os papéis que algumas populações devem desempenhar no regime colono-cristão-capitalista, virtualidades que subjetivam os jovens periféricos e a cidade.

Artista-articulador toca nessa ferida quando fala que seu corpo é flagrante, quando mostra a forma como a cidade é desenhada para favorecer alguns corpos e rejeitar outros. Ele recorda da experiência de subir ao palco da virada cultural no Arco do triunfo para cantar no aniversário da cidade e da sensação de alegria de cantar no palco principal da cidade, com tantas pessoas lhe ouvindo, um fragmento de glória, autoestima, realização pessoal e profissional enquanto se deu conta de que na plateia jovens periféricos sofreram um “baque” violento da polícia militar. Essa experiência de acesso parcial ao centro da cidade é demarcado na elaboração do seu mapa de vizinhanças. A circulação é um localizador-analisador que intersecciona os mapas de B-boy e Artista-articulador quanto ao acesso à cidade.

O jovem ilustra essa vizinhança quando chama B-boy para a entrevista e sugere algumas pistas relevantes para o acesso entre bairros “rivais”. Questionamos, como as experiências de circulação entre bairros rivais feitas por B-boy provocam zonas de enfrentamento à necropolítica? Artista-articulador coloca o grafite e o break como habilidades artísticas que favorecem essa passagem, recorda que B-boy já trabalhou em um centro educativo em regime de internação provisória para adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei de 12 a 16 anos na cidade de Sobral que recebe jovens de ambos os territórios. Esses elementos são relevantes para desenhar o caminho que B-boy faz como enfrentamento ao impedimento de circulação que opera a necropolítica. Para B-boy:

O crime organizado respeita quem tá no outro corre, isso me ajuda na compreensão do respeito. O meu trabalho com hip-hop, break, no zequinha parente. (...) A gente sabe que é um processo difícil estar no crime, mas ao mesmo tempo é muito fácil aderir e a galera que tá lá sabe que é muito difícil você não entrar. (Trecho da entrevista cartográfica de B-boy, 2022).

Outra pista que artista-articulador problematiza como relevante para acesso e circulação tranquila no próprio bairro é ser visto como trabalhador das políticas públicas. A articulação de processos formativos que agenciam certificados para os jovens, acesso a cursos e/ou retorno aos estudos são espaços de livre circulação no bairro. O diálogo com artista-articulador complexifica as políticas formativas na periferia, cujas noções como proteção, acesso, certificação e direitos educacionais estão atrelados a formas estruturais de violência e dificuldades no acesso à renda que lança populações à precariedade.

O diálogo crítico com o agente da política pública expressa como noções de classe e território impactam no acesso à políticas do conhecimento, já que em territórios vulnerabilizados pela violência as questões de limitação de circulação influenciam na formação. Nessa perspectiva, artista-articulador engendra outros sentidos para certificação e acesso à educação e a informação na periferia. O enfoque que traz para essa questão não é de uma formação conteudista, produtiva, que foca somente no certificado mas amplifica a importância da informação e do conhecimento nos contextos de vulnerabilização.

Queria tentar ensinar para esses pivetes onde você chega por conta de um certificado. Ensinar para esses pivetes não esquecer da periferia mas poder sair de lá e levar as coisas para que outras pessoas tenham acesso. Poder buscar conhecimento e levar para os irmãos que estão dentro e não podem sair. Escuto muito assim: leva esse pivete para aprender grafite, porque sabem do sofrimento que vai ser, “ser bandido” limita muita coisa, limita você andar pelos espaços. Tem gente que não sai da quebrada nem para ir no centro, tem gente que não pode. Tem gente que só conhece ali, tá com 5/6 anos só tá ali dentro. Conhece cada viela e cada bequinho que você pode imaginar mas não

conhece o restante de Sobral, entendeu. Então fica muito limitada a cidade... Você pode fazer vínculo, criar laços com um número limitado de pessoas, isso diminui muito quando você tem o lance de limitação de circulação no território. (Trecho da entrevista com artista-articulador, 2022)

Pode-se notar, através deste trecho, as passagens de sentido que tem se feito pela arte, pela educação e pela formação na periferia. Artista-articulador escuta das pessoas do bairro: "leva esse pivete para aprender grafite". Articulação que relaciona o caminho formativo como uma experiência e/ou como acesso a espaços e lugares. Isso nos faz pensar como uma política formativa precisa ter conexão com a vida das pessoas e com o que se passa em seus territórios. O certificado pode legitimar o acesso ao direito de ir e vir na cidade. Uma formação posta como uma questão geracional, um aprendizado que retorna aos mais novos, passada de uns para os outros para transformar a realidade.

A luta para passar a informação para os pivete é essa. Pegar conhecimento para passar para os irmãos que não podem ter acesso por conta dos conflitos territoriais. Isso é crucial, formar nossos pivetes para dar tiro e informação na cara do sistema. (Trecho da entrevista com artista-articulador, 2022).

A discussão sobre formação atravessou as três entrevistas, posto que nos interessava analisar os efeitos da formação em direitos humanos que os participantes viveram na UGP-PV e relançar outras questões sobre os caminhos formativos que eles vivem com seus territórios, com guarda, com a política pública e com a cidade. Foi na formação em direitos humanos que participei na condição de formadora no ano de 2019 junto a guarda municipal que ouvi um fragmento que me despertou atenção. A escolha da agente de segurança guarda-cantora aconteceu sob um cruzamento de possibilidades e coincidências. Durante o percurso formativo ela mencionou para o grupo que era artista e que amava cantar quando estava sem farda. A expressão de arejamento enquanto falava da relação entre a música e ausência do uniforme me chamou atenção. Na formação não pude desenvolver essa conversa sobre quais caminhos são possíveis para o enfrentamento de uma política de morte da/na segurança pública. O convite da pesquisa foi uma forma de continuarmos essa conversa, por isso a escolha do seu nome era recorrente desde a formação.

Nesse sentido, foi bastante curioso quando na primeira entrevista com o artista-articulador ele reconheceu a guarda cantora na fotografia da formação com os guardas. Ela se destacava como única mulher negra em uma imagem formada por "tanta gente branca", como disse o jovem entrevistado. Ademais, ele já tinha vivido uma experiência positiva de

acolhimento com ela durante um show no centro da cidade, embora não se conhecessem. Ele e outros amigos negros e periféricos fumavam enquanto curtiam um momento de lazer na margem do rio acaraú; ela os cumprimentou de uma maneira respeitosa sem repressão e violência, como ressalta o jovem: “o que não acontecia com outros guardinhas”. Outro fator de deslumbramento foi o cabelo black power da guarda-cantora. O black despertou curiosidade no grupo de amigos, que fez com que ela fosse reconhecida na fotografia pelo artista-articulador como “Gente boa”, “Preta rocheda” e “Coroa estilosa”.

No plano dos avizinhamentos cotidianos da/cidade, a participação dessas pessoas na pesquisa se deu com a inferência das coincidências, contudo, se atentarmos para a interseção das questões de raça, classe e gênero que cruzam a cidade e, com efeito, afetam as políticas públicas do município, o plano das coincidências não se torna tão arbitrário. Como disse artista-articulador, “a gente reconhece os nossos”. Esse plano de encontro entre os mapas dos personagens na/pela cidade são importantes para lançar questões sobre a circulação no espaço público, a coexistência na cidade entre juventudes e agentes de segurança, as estéticas e performances de resistência no corpo, no cabelo, na voz e no trato. Não à toa esse cruzamento de linhas entre os personagens teima em insurgir e nos provocar.

No próximo capítulo, apresentamos mais detalhadamente as tessituras do mapa das zonas de vizinhanças como dispositivo metodológico e os elementos que tornaram possível a elaboração desse material.

## **2. Mapa das zonas de vizinhanças como dispositivo metodológico**

O mapa das zonas de vizinhanças é um produto técnico que possibilita elementos de problematização e ação formativa junto às políticas públicas, pois opera a partir da produção de sentido sobre as questões de enfrentamento à necropolítica pelos agentes das políticas. O material se relaciona a partir de localizadores-analisadores que conectam discussões e reflexões sobre o enfrentamento cotidiano à necropolítica pelos agentes da política pública que atuam em territórios vulnerabilizados. Os localizadores-analisadores são lidos como pontos de intensidade que geram rotas de atenção e discussões problematizadoras na convergência entre os mapas dos personagens. Nos tópicos anteriores já discutimos alguns

desses elementos, como a noção de território, os efeitos da subjetividade criminalizada, o acesso à cidade, as políticas formativas na periferia e as nuances da ideia de vizinhança.

O dispositivo do mapa de vizinhanças foi desenhado a partir da conversa prévia que tive com o primeiro entrevistado, artista-articulador. O território estava “reimoso”, palavra que articuladores e articuladoras da juventude usam quando se instauram efeitos de produção de terror, tensão e impedimentos de circulação pelo bairro. O clima quente também se expressa na incidência do Estado violento, conflitos, aumento das operações das forças de segurança, roubos, assaltos, intensificação da presença e vigilância das facções, disputas entre siglas rivais, tiroteios e intensificação no controle da entrada e saída dos moradores.

Essa imagem espacial e geográfica sobre horário, rotas e clima do território foi fundamental para construção de um modo de fazer cartográfico entre zonas e regiões. A troca de mensagens pelo whatsapp com artista-articulador nos provocou a criar um modo de conversação com ele e com os próximos participantes que conectasse as perguntas com a elaboração de algo visual e sensorial sobre o território físico e existencial.

A noção de território tornou-se um localizador-analisador importante para condição de existência do mapa, já que “o território não se constitui como um domínio de ações e funções, mas sim como um ethos. (...) Os sujeitos, os objetos e seus comportamentos deixam de ser o foco da pesquisa, cedendo lugar aos “personagens rítmicos” e às “paisagens melódicas”. (Alvarez, Passos, 2015, p.134).

Como compartilha B-boy quando desenha os fogos de artifício e as crianças brincando com a pipa em seu mapa. Na periferia os fogos são uma forma de você falar sobre tudo ao mesmo tempo. A galera faz o corre através dos fogos. Tu pensa que é um jogo que tá rolando, aniversário de alguém, tem sempre isso de ter fogos em qualquer ocasião”. É uma multiplicidade de vetores territorializando a periferia. “É um lugar que tudo acontece ao mesmo tempo. Enquanto um ri o outro chora.” (Trecho da entrevista cartográfica do B-boy, 2022).

As entrevistas cartográficas ocorreram de forma individual durante a confecção do mapa de vizinhanças pelos participantes da pesquisa. Na conversa, provoqueei quais imagens fotográficas disponíveis se aproximavam e quais se distanciavam das experiências cotidianas de trabalho. As imagens tinham o objetivo de provocar a conversa, evocar memórias e afetos sobre aprendizagens do/com território. Eram materiais que possibilitavam rever cenas da

formação com a UGP-PV nos anos de 2018 e 2019, cenas do cotidiano na periferia e do ofício como agentes da política. No percurso da entrevista, pedi para olharem as imagens e as/os convidei para montarem seus mapas com os materiais disponíveis.

Durante o processo de montagem, elaborei algumas perguntas que versavam sobre a memória das formações da UGP-PV, as aprendizagens e ensinamentos do/com o território e dos/com os fazeres da guarda municipal e articuladores da juventude: *Qual memória você tem da formação vivenciada na UGP-PV? O que/como você aprende com o território? O que/como você ensina ao território? O que/como você aprende com a guarda municipal? O que/como você ensina a guarda municipal?* As perguntas movimentaram a conversa e conjugaram linhas de articulação entre os aprendizados desses agentes das políticas públicas com seus fazeres e territórios.

A escuta de artista-articulador possibilitou pensar os impedimentos de circulação pela cidade. Ele trouxe pistas sobre como as resistências cotidianas operam sobre seu corpo, desde a elaboração de uma rota menos perigosa à observação quanto aos horários de maior ou menor exposição, um risco calculado ao sair do bairro e o entendimento da geografia do crime de domínio das facções.

Artista-articulador cita a importância de vivenciar acesso ao bairro como trabalhador das políticas. Afirmo que a UGP-PV fez este resgate do artista e do articulador de juventude que não atuava de forma tão efetiva dentro do bairro por conta dos estigmas que sofria por ter o corpo “flagrante”. Nessa cena, descrita por ele na entrevista cartográfica, destacamos a importância do acesso ao trabalho/renda como acesso e passagem no próprio bairro. Percebemos o quanto a experiência profissional como articulador da juventude, no campo dos direitos humanos, traz conexão borrada entre vida e trabalho. Uma noção descrita por ele de entusiasmo por “trabalhar para os meus”, “para aqueles que precisam de acesso e garantia de direitos”.

Nessa perspectiva, é importante destacar como a seleção de ingresso profissional na UGP-PV é realizada. Uma seleção com foco territorial, nas dimensões de classe, raça e gênero. Enfoque nas trajetórias que vivenciam expressões cotidianas da violência e que possuem habilidades comunitárias, artísticas vinculadas ao bairro.

Na entrevista cartográfica com os dois articuladores da juventude, nota-se o efeito do acesso profissional nas políticas públicas em suas trajetórias. Nessa direção, nos inspira a

pensar como é relevante produzir vizinhanças entre as experiências de trabalho na UGP-PV com outros setores da política pública. Essa noção de vizinhança se expressa como tentativa de um caminho metodológico de desmanche das polaridades e diluição de fronteiras impostas pela necropolítica.

B-boy elabora um pensamento importante de como isso é possível através da arte, o que nos faz pensar na intensidade dos modos de fazer artístico-político em territórios vulnerabilizados.

Tem uma frase do Djonga... “Dei um emprego pra você que estava no crime e apaziguei a treta”. Se liga? Acho que a arte dá um lugar. A arte é uma forma da pessoa se descobrir, acredito que todo mundo quer se encaixar em algo, tende a querer se descobrir em certo lugar, com certo tipo de gente, com algum grupo... A arte possibilita isso, além do tipo físico, da estética... qualquer tipo de arte é válida desde que a pessoa se sinta bem. A arte abre caminho para construir uma identidade. (Trecho da entrevista do B-boy, 2022)

Por isso, destacamos o aspecto ético, político e estético na elaboração dos mapas. Os mapas construídos com os personagens cultivavam a ideia de um ateliê de experimentação, com ideias provisórias, nômades, inacabadas, evocadas a partir de um outro tempo de relação com a atenção e com a aprendizagem. Houve intencionalidade na criação desse tempo de pausa, de encontro e de experiência. Os personagens escolheram os espaços da entrevista e pensamos na composição da ambiência, na escolha dos materiais e na curadoria das imagens que se relacionavam com o cotidiano do trabalho das formações realizadas pela UGP-PV.

Nessa composição, utilizamos a noção de dispositivo artístico-político como proposta por Suely Rolnik (2009, 2019), uma operação no território da arte e da política a partir das relações com processos de subjetivação, cultura e criação. Segundo a autora, o dispositivo tem capacidade "de criar as condições para que tais práticas possam ativar experiências sensíveis no presente, necessariamente diferentes das que foram originalmente vividas, mas com igual teor de densidade crítica. (Rolnik, 2009, p.97). O dispositivo artístico-político ativa as formações vivenciadas por guardas e articuladores a partir de "outros modos de relação com as imagens, outras formas de percepção e recepção, mas também e sobretudo, de invenção e expressão." (Rolnik, 2009, p. 100).

O que nos interessa no campo artístico-político é a defesa da arte como política, na dimensão que não figura só no campo da macropolítica mas no campo das micropolíticas. O cruzamento do campo artístico e político se inscreve crítico e histórico na implicação de novas políticas de subjetivação.

Tomando como expressão o elo formativo entre as narrativas trazidas a cada entrevista cartográfica, o mapa se propõe como espaço formativo pois atualiza questões das formações vivenciadas anteriormente pelos sujeitos na UGP-PV e relança problematizações sobre os modos cotidianos de fazer política pública. Como expressa a questão trazida por B-boy sobre a ineficiência do Estado quando as políticas não são feitas com as pessoas e para as pessoas, quando afirma que “se a política pública for construída de cima para baixo a queda vai ser rápida.” (Trecho da entrevista cartográfica do B-boy 2022).

Uma zona de intensidade que toca às questões trazidas pela Guarda-cantora sobre a precarização do trabalho na política pública e a produção de desumanização da segurança.

Eu sinto raiva da estrutura da guarda, da precarização do trabalho, do que a guarda se tornou. (...) a gente trabalha em condições insalubres, em troca de extra, mas eu passo longe do extra porque hoje o que eu quero é ganhar meu dinheiro e viajar. Por isso vou escrever aqui no mapa (a palavra) salário porque é importante. (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora,2022).

O mapa das zonas de vizinhanças põe-se como plano comum entre as questões do cotidiano no trabalho de B-boy e Guarda cantora, provocando a dimensão coletiva das questões dos sujeitos em detrimento a uma formação conteudista, produtivista e individualista.

Nos inspira a ideia de formação que se expressa como deformação, um exercício de decolonialidade do pensamento e transversalização de saberes, práticas, redes, em vizinhança aos estudos multiculturais da pedagogia crítica de Paulo Freire e bell hooks. Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (hooks, 2017, p22)

A seguir, continuamos a escrever reflexões sobre o exercício formativo possível a partir das tramas entre violências e resistências expressas no mapa das zonas de vizinhanças. Um capítulo que se inscreve no gesto político da teimosia de “não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação de vida.” (Rolnik, 2019, p.148) e no “entusiasmo que é gerado pelo esforço coletivo.” (bell hooks, 2017, p.18)

### **3. Conversações ficcionais entre violências e resistências**

As modalidades de representação disponíveis para as violências em um sistema colonial e capitalista nos apreendem em significações de opressões e repressões que parecem muito difíceis de serem enfrentadas macro e micropoliticamente. É fundamental, portanto, tomar como horizonte político e ético a noção de território pelas lentes das resistências e não das vulnerabilidades. A noção política de produção inclui as práticas de resistências e as lutas em curso pelas quais as populações vulnerabilizadas constroem a persistência na vida e não somente sobrevivem ao aniquilamento dela.

Por isso, escrevemos este capítulo a partir da inspiração das conversas entre os mapas de vizinhanças que se operam como ensino movente entre formar, deformar e transformar, gerando a ferramenta política de uma zona de vizinhanças, com vetores e fluxos que se põem em contato. A imagem que nos move a essa conversação é de uma comunidade de aprendizagem, “afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros.” (hooks, 2017, p.17)

Nessa perspectiva, apresentamos a seguir três cenas que podem ser lidas a partir de localizadores-analisadores elaborados pelo cruzamento dos mapas de vizinhanças de artista-articulador, b-boy e guarda-cantora. Um diálogo que convida à margem do rio, Estado violento e cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas a comparecer nas reflexões.

As leituras que nos acompanham nessa travessia e que nos ajudaram problematizar as três conversações foram as questões sobre uma sala de aula multicultural, territorial e dissidente com bell hooks (2017) e a revolução menina para uma educação libertadora em Direitos humanos com Paulo Freire (1988) e Kohan (2021).

Para isso, apresentaremos as cenas analíticas a partir do seguinte itinerário: 3.1 Vozes que não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada - como se o menino tivesse andando no céu, 3.2 A gente podia ir na margem do rio e 3.3 As lentes de uma educação menina em direitos humanos.

### **3.1 Vozes que não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada - como se o menino tivesse andando no céu.**



Fonte: elaborada pela autora (2018)

A medida que lia as transcrições das entrevistas cartográficas de artista-articulador, b-boy e guarda cantora, ficava nítido como as questões em torno da experiência e da aprendizagem com/no território as/os tomavam como questões que produzem linhas de conexões com o trabalho nas políticas, com militância nos direitos humanos, vivências com arte e cultura e com trajetórias de afeto com a cidade. Nesse sentido, as perguntas foram mobilizadoras para reflexão de como a política formativa pode se relacionar com uma comunidade de aprendizagem territorial e comunitária na produção de pausas e resistências a um tempo de escassez e horror.

A noção do território como espaço de imaginação, afeto e acolhimento insurge como localizador-analisador comum nas três entrevistas. Artista-articulador partilha “que em momentos difíceis ninguém solta a mão de ninguém ali.”, expressando valores de solidariedade, dignidade e decência também atribuídos pela Guarda-cantora quando lembra do seu lugar.

Sou de um bairro periférico. Um bairro de quase cem anos e meu avô, pai da minha mãe, foi um dos primeiros moradores. Lá tem gente decente, gente de bem. Não é gente de bem do entre aspas que todo mundo fala. É gente que corre atrás do pão de

cada dia, que educa os filhos decentemente. (Trecho da entrevista cartográfica de guarda-cantora, 2022)

No mapa de vizinhanças, B-boy desenha o território como um lugar fértil para imaginação. Ele cola a fotografia da formação em parkour da UGP-PV que mostra uma criança “brincando no céu” e faz um depoimento poético sobre a ilusão de ótica da imagem que merece ser considerado sem muita pressa.

Acho que essa imagem é muito interessante pela forma que ela foi tirada, é como se o menino tivesse andando no céu. eu acho que isso aqui é próximo do que a gente tenta fazer no território: andar no céu mesmo que esse céu esteja longe. Quem mora na periferia experimenta isso muitas vezes, é muito massa você sair à noite e ver muita gente na calçada. Você vai para o centro e não tem as pessoas conversando na calçada e na periferia apesar de tudo que acontece, tem criança jogando bola no meio da rua e empinando pipa. Acho que isso é como a pessoa morar na periferia e andar no céu ao mesmo tempo. (Trecho da entrevista cartográfica de b-boy, 2022)

A construção desse processo formativo com várias vozes, estabelece-se em vizinhança com a ideia de bell hooks sobre uma comunidade de aprendizagem e/ou sala de aula como prática da liberdade, quando as estratégias de ensino consistem em direcionar a atenção para as vozes uns dos outros, ligando o conhecimento ao ato de partilha de narrativas pessoais, usando “estrategicamente esse ato de contar - achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos.” (hooks, 2017)

Nosso interesse na experiência formativa comum a partir do mapa de zonas vizinhanças fora de incluir o diálogo de diferentes vozes na construção de uma comunidade pedagógica, considerando que a experiência com a diferença é crítica e não passiva. B-boy aponta um caminho de diálogo sobre isso quando põe em jogo os aprendizados entre vida e morte nos territórios vulnerabilizados pela violência letal.

Fazer comunidades de aprendizagem em territórios de expressão da violência, cujo afeto construído sobre o corpo do outro é de controle e dominação, produz mais desertificação na zona de guerra. Nesse sentido, B-boy questiona o discurso da aprendizagem pelo sofrimento. A cartógrafa-formadora questiona: “Os espaços duros nos quebram e mingam nossas forças, como aprender?” Sobre os efeitos da necropolítica no seu cotidiano, ele responde: “não gostaria de aprender” com isso.

O território é muito diverso, às vezes tem situações que eu não gostaria de aprender. (...) Ter a presença de situações muito nocivas tão cedo na vida, desestrutura uma

certa vontade de querer ser algo ou então querer fazer algo massa. (...) ver corriqueiramente coisas pesadas, arma, droga, briga entre família, vizinhos. (Trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022)

No fragmento Quando o sol aqui não mais brilhar: a vida só existe após a morte, a autora Castiel Vitorino Brasileiro (2022) estabelece um pensamento crítico sobre a morte como uma transmutação da forma rumo à escuridão e não a um fim. A autora aposta na vida após a morte como um inevitável encontro com a mudança e não com o esquecimento. Importante destacar a distinção que a autora faz entre morte e aniquilação. Aniquilação como um ato colonial, como o que B-boy traz como sofrimento e violência.

(...) por aniquilação, entendo a gestão da vida mediante a racialização, uma gestão de controle populacional, operada pela violência policial e pela precarização da saúde dessas pessoas, por exemplo. A aniquilação interrompe histórias pessoais e coletivas, e anuncia a morte como um portal para o esquecimento. Nesse sentido, a modernidade assassina com a promessa (e com o trabalho para) que aquela vida será esquecida, assim como seus feitos. (Brasileiro, 2022, p. 52)

Nesse sentido, a partir do diálogo entre B-boy e Castiel compreende-se que não é possível aprender com a aniquilação, porque esse ato colonial é uma violência. Quais outros sentidos se abrem, então, para a produção de conhecimento em contextos vulnerabilizados pela violência letal? Artista-articulador responde sobre a luta em curso e a vida que se mobiliza nesses contextos,

Uma das coisas importantes que eu ensino para os pivete é ser resistência. Saber do lugar onde você mora e tentar acessar outros espaços não porque você quer chegar ali se metendo nos espaços dos outros mas porque é um espaço que você deve ocupar. (Trecho da entrevista cartográfica do artista-articulador, 2022)

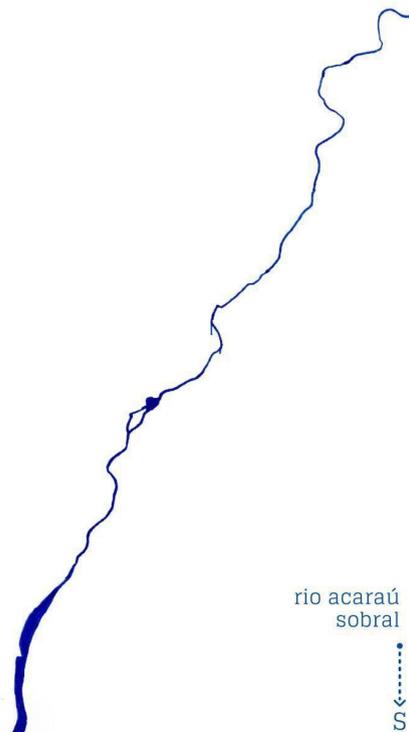
Reflexões que dialogam com as perguntas pungentes que Larrosa (2018) propõe no texto sobre a escola de vida e escola de morte ao enunciar o plano das resistências e dos desvios possíveis de encarar a cada passo no ensino/aprendizagem. Na narrativa criada pelos articuladores da juventude, as alianças coletivas com o território produzem rachaduras e interstícios permeáveis para resistir de forma comunitária. Como enfrentamento cotidiano à necropolítica, as vozes de B-boy e de Artista-articulador não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada.

Eles formulam a ideia de que o possível de encarar a cada passo é uma comunidade de aprendizagem como transmissão geracional para aprender e ensinar (com) aqueles que se aliam em um mesmo espaço-tempo e que a recusa ao aprendizado pela dor é um gesto

político formativo. Como fala artista-articulador, o sentido é “ensinar os irmãos de quebrada”, “pegar conhecimento para passar para os irmãos que não podem ter acesso por conta dos conflitos. Isso é crucial, pegar e formar nossos pivetes para dar tiro de informação na cara do sistema.”. (Trecho da entrevista cartográfica de artista-articulador, 2022)

### 3.2 A gente podia ir na margem do rio

Imagem 5: Extensão do Rio Acaraú cortando a cidade de Sobral



Fonte: elaborada por Clara Dilernia (2021)

A margem do Rio Acaraú é uma personagem importante não só para este trabalho, mas para a história, política e geografia da cidade de Sobral. Na imagem acima, Clara Dilernia ilustra sensivelmente a silhueta de extensão do rio acaraú atravessando a cidade Sobral. No mapa da Clara, que fez o percurso de São Paulo ao Ceará para trabalhar na UGP-PV como gestora da célula Educação Permanente, o rio foi literalmente lugar de vizinhança, como é para muitas pessoas.

Infelizmente, os processos de poluição e ausências de políticas ambientais impactaram o rio acaraú ao longo de tempo e tiveram efeitos no modo de sobrevivência das comunidades ribeirinhas de ambos os bairros expressos à margem direita e esquerda do rio, formados pelo bairro Dom expedito e pelo centro histórico periférico de Sobral. Na margem esquerda do rio encontramos o patrimônio material formado pela catedral católica da Sé, casa do capitão mor, museu MADI e a biblioteca pública municipal em coexistência com restaurantes e casas de populações que fazem fronteira com o rio.

Na cenografia do crime de violência letal na cidade de Sobral, os bairros que estão nas fronteiras das margens do rio são agenciados por facções rivais, o que torna a *margem do rio* uma personagem ainda mais importante para as reflexões sobre o enfrentamento à necropolítica.

A margem esquerda, como é dita popularmente, foi escolhida por dois personagens como espaço da entrevista. A expressão “a gente podia ir na margem do rio” dita pela guarda-cantora e pelo artista-articulador quando questionei para onde desejavam ir, figura um localizador-analisador interessante no contexto de seus mapas de vizinhanças, pois põe em visualidade um local da cidade que é habitado por populações tão diferentes, imerso com expressivas desigualdades sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas.

As margens direita e esquerda do rio têm sido espaços de circulação da população, onde transitam muitas pessoas diariamente, sendo espaço privilegiado na cidade de investimento das políticas públicas municipais de urbanismo e cultura através de estratégias de ocupação, revitalização e despoluição do rio. Nesse método de mobilidade proposto pela prefeitura, no começo de 2021 começaram as obras para uma ponte estaiada que ligará as duas margens do rio.

Consideramos esse ponto relevante para a problemática da violência, dada a cenografia das disputas territoriais em Sobral e a política de inimizade entre os bairros Dom Expedito e Centro. No boca a boca cotidiano da cidade, sentimentos de medo, tensão e insegurança lotaram os comentários na publicação nas redes sociais da prefeitura no dia do lançamento do projeto. Ou seja, a ideia de uma ponte não é garantia de passagem.

Essa percepção nos é cara, pois entendemos que a problemática da violência letal é complexa e sistêmica, que as tentativas de pontes precisam da consistência da garantia de direitos e da redução das desigualdades. Nesse sentido, o diálogo dos personagens na margem do rio, nos apontam conhecimentos sobre a circulação em zonas vulnerabilizadas.

Para quem não conhece ou não caminha por todos os lugares de Sobral, a margem esquerda do rio é no extremo oposto do bairro do artista-articulador. Contudo, o

artista-articulador escolheu que a entrevista fosse lá. Já na despedida, enquanto o levava para casa, ele relatou que a margem esquerda é território da facção rival à que domina seu bairro. Quando o questionei se não seria melhor não correr esse risco, ele argumentou que o turno da manhã trazia uma sensação maior de segurança e a saudade que sentia de estar em outros espaços, de sair do bairro pelo menos um pouco, o levaram a correr esse risco e fazer essa travessia. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas, 2022)

Nesse trecho do diário lemos como artista-articulador tornou a margem rio um território possível de circulação e refletimos como ele subjetiva a cidade para produzir conhecimentos de resistência como calcular o risco, dimensionar os horários, ir acompanhado com mais pessoas. Em dado momento da entrevista, ele se sentiu temeroso com a presença de um transeunte, perguntei o que ele gostaria de fazer e com calma ele disse que ia ficar tudo bem. A pessoa passou e ele ficou mais tranquilo, mas depois conversamos sobre como essa angústia é corriqueira e exige uma atenção ativa sobre a ameaça. Artista-articulador menciona mais uma vez que alguns corpos são mais “flagrantes” que outros.

Guarda-cantora trabalhou na margem esquerda do rio por cinco anos e durante a entrevista várias pessoas que circulavam entre nós a cumprimentavam de forma afetiva. Nesse aspecto, o acolhimento das pessoas que circulam pela margem fora diferente do experimentado pelo artista-articulador. Perguntei como se sentia naquele espaço e ela não trouxe sentimentos de atenção ou medo. Ao contrário, a margem do rio foi escolhida por ser o lugar da saudade e das boas experiências de trabalho.

Questionei como era curioso as pessoas a reconhecerem mesmo sem a farda, já que esse pode ser um elemento que imprime outra imagem, de modo como ela disse na formação em 2019 sobre se sentir mais a vontade de cantar sem farda. Ela respondeu:

Isso sempre ocorre, a minha imagem não corresponde. Isso é muito engraçado. Mas me acho simpática, por isso as pessoas falam comigo e lembram de mim.” Intervi dizendo que “a gente tem uma ideia que a segurança não pode ser alegre, sorridente, né? (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022)

Nesse diálogo sobre imagens intevi com uma conexão com o mapa de vizinhanças do artista-articulador. Mostrei a composição que ele fez com a fotografia da formação com a guarda municipal, onde ele tira apenas a imagem dela e dispõe perto da imagem da equipe da UGP-PV. Ele ressalta que não colocou os guardas municipais no seu mapa por reconhecer alguns profissionais que já tiveram condutas repressivas com adolescentes do território. Nesse momento, falei como ele a reconheceu na fotografia e como os amigos a acharam uma pessoa legal por ter tido uma conduta respeitosa em outra ocasião.

Nessa cena analítica da fotografia, é possível refletir sobre a possibilidade de construção dos vetores de vizinhança a partir de uma experiência de não aniquilamento. A experiência de respeito que o jovem viveu com a guarda-cantora contribuiu para a decisão de proximidade, ao contrário das experiências de silenciamento e desrespeito que ele já viveu com os outros guardas.

Ainda sobre as imagens, ela narra como muitas pessoas têm medo de chegar até ela e quando a veem cantando, por exemplo, ficam abismadas. “Ela é a guarda?”. Parece algo contraditório, né? Mas não devia ser.” Parece que na relação com uma identidade fixa não é possível fazer cortes nas imagens, mudar de posição, aproximar e distanciar as coisas. Como ela faz quando decide não começar a montar seu mapa pela fotografia da guarda municipal, reconhecendo alguns sentimentos de cansaço com o trabalho. Contudo, se reposiciona no mapa a partir de outro afeto, que pode abrir passagem para uma conversa sobre os contextos de violências no trabalho e fora dele.

Vou escrever música, quero começar pela música porque ela tem muita força pra mim. A música é alegre. Se a música pudesse fazer a revolução que se promete fazer em relação a violência. Se esse povo parasse de matar o povo de graça, né? (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022)

O percurso singular tem conexão com o plano coletivo, como mostra guarda-cantora ao desenhar vetores de distanciamento e vizinhança entre música e violência. O dispositivo do mapa vaza e relança novamente as questões da arte e da cultura para prevenção de violências. Podemos apontar para as revoluções que guarda-cantora produz quando canta, desmanchando imagens fixas do que pode ser uma profissional da segurança pública, mudando a rota naturalizada do absurdo.

Por isso, inspiradas em bell hooks (2017), apostamos em um exercício formativo que abre espaço para as emoções, sem medo de que a comunidade de aprendizagem se torne incontrolável e que as paixões não sejam represadas. Uma sala de aula onde é possível ouvir a voz da guarda-cantora falando sobre a relação com a música em sua trajetória.

Gostava muito de cantar mas não tive chance. Sempre participei dos movimentos dos bairros, como as quadrilhas. Fui uma das fundadoras da quadrilha botando quente em 1995 e eu queria cantar. Cantava péssimo mas cantava. A minha filha diz que eu só não enlouqueço porque eu canto. Eu canto em todo canto. (...) Onde tem um microfone e caixa de som, lá estou. Muita gente diz que eu deveria ganhar dinheiro cantando, mas eu sei o que é viver de música, é difícil ser artista em todo canto. (trecho da entrevista cartográfica de guarda-cantora, 2022)

Nessa direção formativa que não se separa da vida, das paixões, da emoção e das angústias, a música e outros afetos podem participar da conversa e podem coexistir com a

farda produzindo cartografias para relação de conhecimento entre si e o mundo. A possibilidade de encontro com guarda-cantora relança algumas questões que atualizam o momento formativo que houve em 2019. A música retorna como a primeira palavra a ser escrita em seu mapa. A música como lugar de respiro, do não instituído, não como obrigação e como ordem. Guarda-cantora escreve no seu mapa de vizinhanças o quanto é importante criar rotas de saída do trabalho, como as viagens e a música.

A vitalidade de sua voz pode ser ouvida e amplificada. Uma voz que contagia, um sorriso aberto, de alta frequência. A seguir, separamos um trechinho da entrevista onde ela canta infinito particular de Marisa Monte. É um deleite.

Pra ouvir, aponte sua câmera para o QR code ou acesse através [deste link](#).

Imagem 6: QR code - Cantar é comigo mesmo



Fonte: elaborada pela autora (2022)

### **3.3 As lentes de uma educação menina em direitos humanos**

A inspiração cartográfica me permitiu como cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas me prolongar em conversas com os personagens da pesquisa a partir de uma multiplicidade de lentes que já compunham meu ethos profissional e pessoal, como a linguagem das artes visuais e fotografia. Acolhi o desejo de transver as imagens como uma expressão das minhas implicações com este trabalho, me avizinhandando também com as ferramentas que trago em minha trajetória transdisciplinar, borrando fronteiras entre psicologia e arte.

Por isso, as fotografias das intervenções da UGP-PV, das formações e do cotidiano com a cidade participam como elementos visualizadores para construção do mapa das vizinhanças. Elementos que narram uma poética visual da cidade e dos territórios que não

destaca precarização e escassez mas, sobretudo, no que o cotidiano comunitário tem de comum, vivo, vibrante e inventivo.

A forma como cada personagem decidiu compor com essas imagens foi singular ao percurso de construção dos mapas de vizinhanças. Todos autorizaram o uso das fotografias e materiais como registros públicos da pesquisa, o que possibilitou um diálogo sobre as questões éticas de método, autoria e experiência. Consideramos que as produções dos participantes, inclusive as imagens fotográficas, os áudios e mapas são narrativas de um percurso colaborativo de pesquisa. Foram reflexões que nos ajudaram a compor o plano da confiança que a pesquisa cartográfica expressa através da co-responsabilização política partilhada pelo conhecimento cultivado durante o percurso comum.

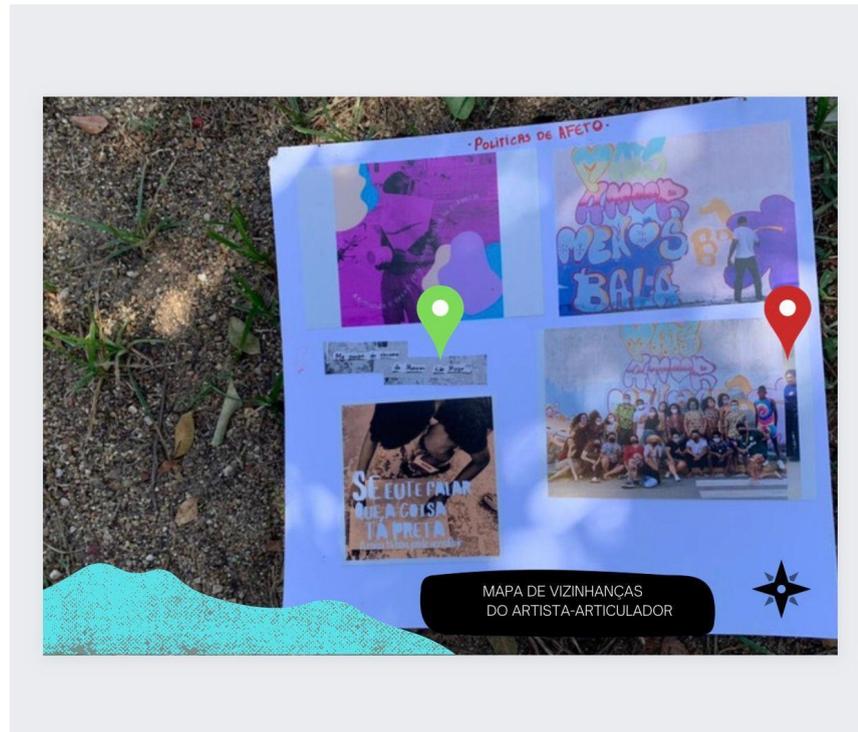
Deste modo, trazemos neste tópico a dimensão da lente como um localizador-analisador relevante para a pesquisa, cruzando as imagens dos mapas de vizinhanças dos personagens com minhas implicações como cartógrafa-formadora. Para esse diálogo, recorro a um texto potente do Walter Kohan em alusão ao tempo da intensidade da educação libertadora, uma releitura da palestra do Paulo Freire na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no dia 2 de junho de 1988, intitulada “Direitos Humanos e Educação Libertadora”. A meninice e a infância expressam-se como movimento político na obra de Freire no sentido de

(...) um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina.” (Kohan, 2021, p.7)

Nesse sentido, tomamos como análise as produções dos mapas de vizinhanças de artista-articulador, b-boy e guarda-cantora que compõem com as fotografias das infâncias do território imagens de luta, de resistência e meninice para uma educação crítica e libertadora em direitos humanos. Os três personagens da pesquisa convidam às infâncias para compor seus mapas a partir de um território que se faz vivo e imaginativo pela presença brincante do menino no céu, como lido pelo b-boy ou uma menina cantora, que trama com os grupos de quadrilha do bairro uma voz que nunca se cala, como compõe guarda-cantora. Outra meninice que insurge é o menino-pivete das quebradas com a pipa, a primeira imagem que artista-articulador coloca no mapa, afirmando-se todo orgulhoso como “formador dessa galera”, “vendo essa galera ter outra perspectiva.”

O deslocamento da noção de poder na formação é muito significativo, quando o formador ou formadora é o agente periférico, reconhecido pela sua comunidade de aprendizagem como aquele que sabe, que vê, que narra e que luta.

Imagem 7: Mapa de vizinhanças do Artista-articulador

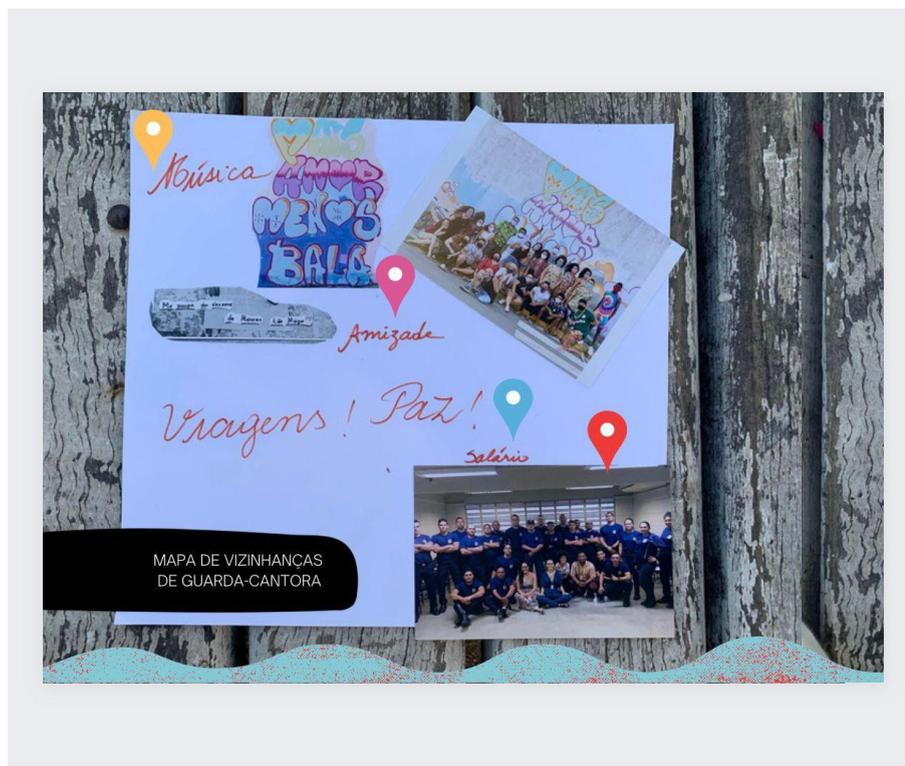


Fonte: Mapa das zonas de vizinhanças (2022)

Paulo Freire coloca a questão da reinvenção do poder como sentido principal de uma educação em direitos humanos em uma perspectiva progressista ou libertadora. Entendendo “(...) a transformação social não apenas a partir da tomada do poder, mas a partir de um novo jogo ou exercício de poder, com uma participação maior, mas também mais crítica e afetiva dos grupos populares tradicionalmente excluídos.” (Kohan, 2021, p.7).

O jogo simbólico e concreto de deslocamento nas imagens proposto pelo mapa de vizinhanças cultivou uma pedagogia de perguntas. A fotografia com o grupo da guarda municipal que participou da formação da UGP-PV em 2019 foi composta de três modos diferentes a partir da perspectiva de cada interlocutor(a).

Imagem 8: Mapa de vizinhanças da guarda-cantora



Fonte: Mapa das zonas de vizinhanças (2022)

Quando viu a fotografia, a guarda-cantora provocou risos: "Eita, eu sai quase cortada da foto". Um sentimento que posteriormente faz conexão com outro depoimento:

Eu fui pro curso meio que com raiva, quando eu cheguei no curso eu vi que os guardas que estavam lá estavam piores do que eu, foi uma resistência, falou de direitos humanos falou de algo ruim. Eu imaginava que direitos humanos era só pra defender bandido mas direitos humanos é pra defender o humano, os guardas, os policiais, os jovens, o bandido. E aí eu via que tudo que se falava lá os guardas rebatiam. Ai meu deus, estão piores do que eu. Aí eu comecei a ver com melhor olhos, com um olhar diferente do que eu estava imaginando. (trecho da entrevista cartográfica de guarda-cantora, 2022).

A fotografia não é uma representação da realidade mas uma produção, que possibilitou interstícios de conversa sobre a formação anterior realizada pela UGP-PV sobre os conhecimentos acerca dos direitos humanos. Artista-articulador produziu outros sentidos sobre a mesma imagem, revelando as questões de gênero e raça, observando quantos guardas municipais são negros e quantas eram mulheres, rememorando experiências truculentas desses agentes no território e cortando a imagem da guarda-cantora do restante do grupo para trazê-la para perto da fotografia de sua equipe de trabalho na UGP-PV.

Nos pomos a pensar que entre a experiência de quase sair cortada de uma das imagens para literalmente ser cortada para produzir vizinhança em um outro lugar tem um caminho

que nos põe a pensar sobre a experiência de inclusão, exclusão e de aniquilamento. Nesse caminho, B-boy cria um outro vetor que contribui para a conversa, pois cola a fotografia da guarda municipal sob outra perspectiva, posicionando em vizinhança a fotografia de uma menina com uma câmera fotográfica olhando para a guarda. Como considero provocador nosso diálogo sobre esse movimento de intervenção no mapa, reproduzo abaixo na íntegra.

B-boy: Acho que aqui (aponta pra foto dos guardas) era pra ser uma galera de lá (aponta para imagens da periferia). A segurança pública deveria ser feita por pessoas e não por fardas. Coloquei ela fotografando os guardas porque eu queria que ela visse os guardas que a gente não vê. Que ela visse não guardas mas pessoas que guardassem a periferia. As instituições de segurança não guardam as pessoas, os direitos das pessoas de ir e vir. Na minha visão, essa menina está vendo uma espécie de guarda que guarda os direitos humanos.

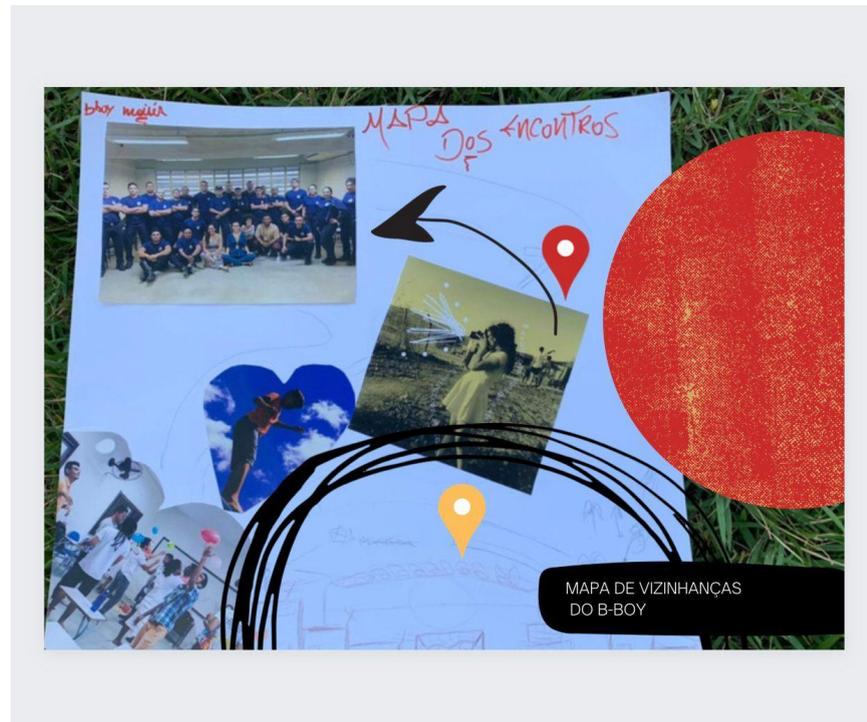
Cartógrafa-formadora: a forma como você compôs a imagem me fez pensar. Nesse movimento, você saiu da oficina de fotografia lá do morro, que a menina participava como estudante e a levou para ser formadora de uma educação em direitos humanos com os guardas. Houve um deslocamento aí. (trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022).

É muito fértil essa referência à menina que olha uma guarda municipal que está por vir, que com seu olhar-menina, de meninice e infância, pode ser de outro modo, pode guardar a periferia no sentido de proteção e direitos. Essa elaboração do B-boy ressoa com aquilo que Kohan e Paulo Freire falam sobre uma educação-menina, pois (...) mostra também um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina.” (Kohan, 2021, p.7)

A cena de uma menina que vê ressoa com o que diz bell hooks (2019) sobre a teimosia que há em olhar.

Ao pensar sobre as espectadoras negras, lembro de que fui punida na infância por ficar encarando, pela forma firme e direta com que as crianças olham para os adultos, olhares que eram vistos como confrontação, gestos de resistência, desafios à autoridade. O “olhar” sempre foi político na minha vida. Imagine o terror que a criança sente quando, após repetidas punições, vem a entender que o olhar pode ser perigoso. A criança que aprendeu tão bem a olhar para o outro lado quando preciso. No entanto, quando punida, os pais lhe dizem: “Olhe para mim quando falo com você!”. Só que a criança tem medo de olhar. Tem medo, mas é fascinada pelo olhar. Há poder em olhar. (hooks, 2019, p. 356)

Imagem 9: Mapa de vizinhanças do B-boy



Fonte: Mapa das zonas de vizinhanças (2022)

Quando B-boy movimenta a fotografia e traz à menina a condição de vidente-formadora, nos inspira a construir um deslocamento de poder, inclusive intersecciona raça, gênero e idade, mobiliza a guarda municipal tão branca, masculina e adulta para outra imagem de potência. Uma referência ao que Paulo Freire chama de “revolução menina”.

(...) e menina, ali, é um qualificativo que não tem o sentido etário, de uma curta idade; não é menina, Paulo Freire afirma explicitamente, por ser “recém-chegada”, é menina “pela sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar”. (Freire, Faundez, 2017, p. 231 como citado em Kohan, 2021, p. 8)

Nesse fragmento inspirador, o que faz viva uma revolução é o que faz viva uma educação em direitos humanos. Ou seja, aprender com a imaginação política de B-boy a manter-se menina no sentido de formadora, questionadora, sonhadora, na luta por outro mundo.

#### 4. Um modo de concluir - anunciando o fim da partida

Lá na esquina os meninos correm descendo; outros aparecem fardados e miram pra cima a sua arma que não é de brinquedo, anunciando o fim da partida, do carimba e dos meninos que com seu artefato de cano correm. (Silva, 2019).

Quando o cano das armas se cala / O kuduro também fala / Porque a voz tem mais poder que a bala. (Epalanga, 2017)

É desafiador escrever uma conclusão para um trabalho que toca em questões tão complexas como o enfrentamento à necropolítica. Primeiro, porque a conclusão ética e política mais urgente seria o fim imediato do extermínio da juventude preta, pobre e periférica pela violência letal. Como escreve o poeta e fotógrafo Léo Silva (2019), as partidas do jogo dos meninos são interrompidas cotidianamente na periferia pelo Estado violento. No exercício semântico de atribuir outros sentidos para as palavras e imaginar politicamente outros mundos, reescrevemos a frase do fim da partida onde a necropolítica não tem a última palavra e onde é possível anunciar o fim da partida de tantos jovens.

Reconhecemos os limites deste trabalho e nos pomos a pensar a partir deles. Assim, a partir dos objetivos que elaboramos, que fora cartografar as expressões de enfrentamento à necropolítica que atravessam o fazer de guardas e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados, através da criação de um dispositivo formativo artístico-político intitulado mapa das zonas de vizinhanças. Nessa perspectiva, consideramos que os objetivos propostos foram discutidos e outras rotas foram abertas para experimentação de um processo formativo através dos mapas de vizinhanças, relançando questões sobre as formações vivenciadas.

Nosso desejo é que o mapa das zonas de vizinhanças possa ser um material replicável, embora mantenha-se apoiado na singularidade de cada grupo que possa vir a vivenciá-lo como método, por isso nos lançamos no desafio de pensar um material sensível produzido em um mestrado profissional de Psicologia e Políticas públicas que se estenda a outros profissionais e possam inspirar outras práticas.

O mapa das zonas de vizinhanças é um dispositivo formativo artístico-político que interpela diferentes campos de atuação profissional. É um instrumento que pode produzir múltiplas vizinhanças, não somente entre territórios vulnerabilizados e entre agentes da política pública mas entre outras instituições formativas, artísticas, pondo em conversação o encontro de diferenças.

Desejamos que quem acesse esse material sinta-se convidado a dialogar através de um plano da conversação com uma política do sensível, construída a partir dos encontros e narrativas das pessoas, operando outros sentidos para o que está instituído e naturalizado como impedimento de passagem na existência de jovens periféricos e trabalhadores das políticas públicas.

Compõe o arquivo da pesquisa o texto dissertativo com reflexões e problematizações sobre a pesquisa-intervenção e o dispositivo artístico-político como material formativo multimídia que pode ser acessado na versão completa a partir deste [link](#) ou no apêndice a partir da página 53. Como os materiais são complementares e expressam objetivos conectivos para a experiência da pesquisa, sugerimos como itinerário de leitura primeiro o contato com a dissertação e em seguida com o produto técnico. Embora, o acesso ao produto técnico no formato do dispositivo artístico-político possa ser veiculado separadamente, de modo a dialogar com outros modos de fazer nas políticas públicas. Desejamos que estes instrumentos forjem encontros e ficcionalizem formações futuras com lentes de uma educação-menina em direitos humanos.

### Referências

Alvarez, Johnny. Passos, Eduardo. (2015) Cartografar é habitar um território existencial. in: Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liana da Escóssia., (org). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. (pp.134-147) Porto Alegre, Sulina.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 14<sup>a</sup>ed. (2020). (pp.72-73) Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>

Atlas da Violência, (2016). Recuperado de: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf)

Brasil. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. (2021) Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado de: <https://covid.saude.gov.br/>.

Brasileiro, Castiel Vitorino. (2022) Quando o sol não mais brilhar: a falência da negritude. - São paulo: n-1 edições. Editora hedra.

Cada vida importa: relatório final do comitê pela prevenção de homicídios na adolescência. governo do estado do ceará. (2016). Recuperado de: [https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio\\_final.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf)

Cada vida importa: relatório final do comitê pela prevenção de homicídios na adolescência. governo do estado do ceará. (2019.2). Recuperado de: [https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatoriocadavidaimporta\\_20192.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatoriocadavidaimporta_20192.pdf)

Coimbra, Cecilia, Nascimento, Livia Maria (2005). Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? Nes, Revista de Estudos sobre Juventud., 9(22), 338-355. Recuperado de: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf>

Demanda social e crise dos ideais: que lugar para o Judiciário? In: Coimbra, Cecilia; Ayres, Lygia S.M.; Nascimento, Maria Lívia do. (Org.). PIVETES. Encontros entre a psicologia e o judiciário. 1a. ed. Curitiba: Juruá, 2008

Couto, Mia. (2011) E se obama fosse africano?: e outras intervenções. São Paulo: Companhia das letras.

Deleuze, Gilles., Guattari, Félix. (1997) Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de janeiro: 34, v 4 e 5.

Epalanga, Kalaf. (2018). Também os brancos sabem dançar. (1 Ed.). São Paulo: Todavia

Foucault, Michel. (1999) História da Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: graal.

hooks, bell. (2019) Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

hooks, bell. (2017) Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. (2 ed). São Paulo: editora wmf martins fontes.

Larrosa, Jorge. (2018) Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor. tradução cristina antunes. (1 ed). Belo horizonte: autêntica editora.

Parks, letícia. (2021, Junho 12) O que é necropolítica?. [Arquivo de vídeo.] Recuperado de: [https://www.youtube.com/watch?v=h4evqrw\\_zt8](https://www.youtube.com/watch?v=h4evqrw_zt8) .

Passos, Eduardo. Barros, Regina Benevides. (2015) Por uma política da narratividade. in: Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liana da Escóssia.; (org). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. (pp. 151-156) Porto Alegre, sulina.

Kastrup, Virginia. (2008) A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. in: Kastrup. Virginia, Tedesco, Silvia. Passos, Eduardo;, (org). Políticas da cognição. (pp. 169-171). Porto Alegre : sulina.

Kohan, Walter. Quantos anos tem paulo freire? (2021) Educação: teoria e prática. Rio Claro, sp/ v. 31, n.64.

Mbembe, Achille. (2018). Necropolítica. (3. ed). São Paulo: n-1 edições.

Mbembe, Achille. (2020). Políticas da inimizade; trad, sebastião nascimento. São paulo: n-1 edições.

Nascimento, Maria. Lívia. (2002) (Org.). PIVETES: a produção de infâncias desiguais. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor.

Preciado, Paul b. (2020) Um apartamento em urano: crônicas da travessia. trad. eliana aguiar. (1 ed). (pp. 32-33). Rio de Janeiro: Zahar.

Rancière, Jacques. (2009) Se é preciso concluir que a história é ficção. dos modos de ficção. in: a partilha do sensível: estética e política. (2. ed). (pp. 52-62). São paulo: exo experimental org.; Editora 34.

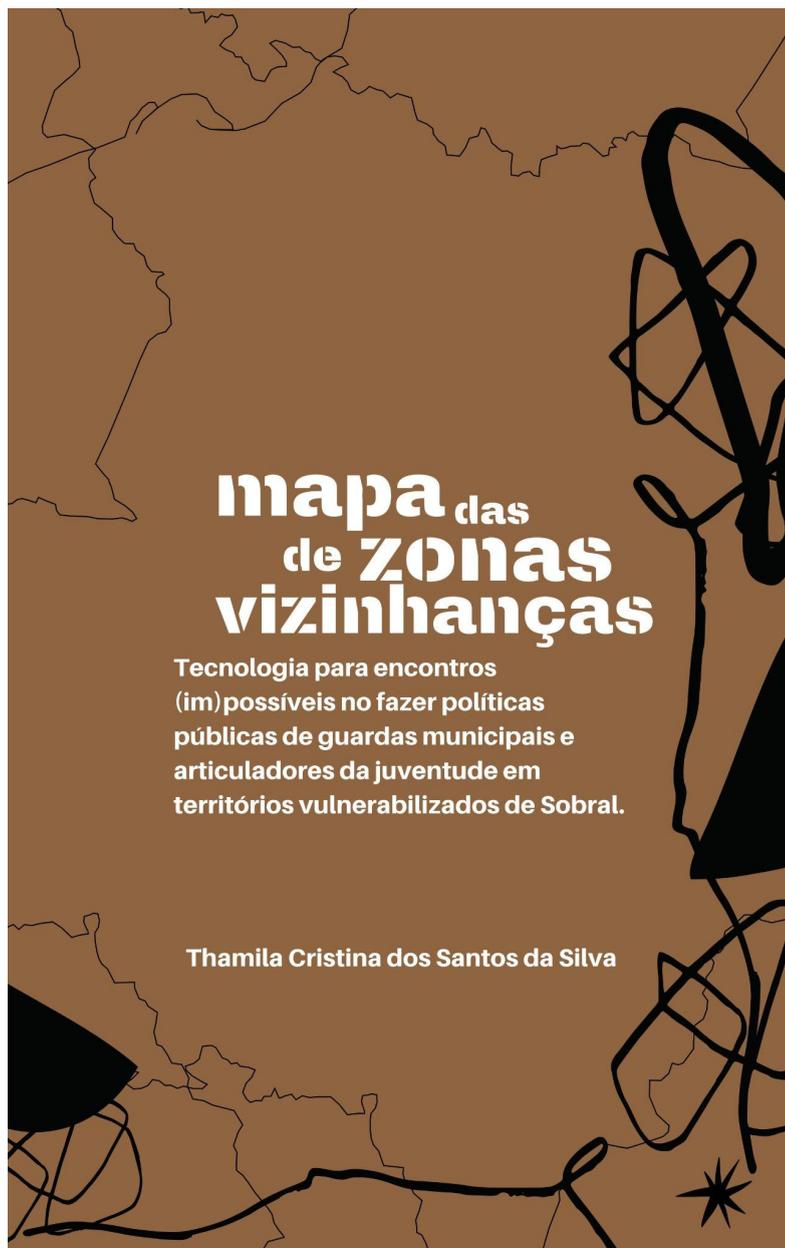
Rolnik, Suely. (2019). Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. são paulo: n-1 edições.

Rolnik, Suely. (2009). furor de arquivo. revista arte & ensaios. programa de pós graduação em artes visuais, escola de belas artes ufrj. (pp. 97-100). Rio de janeiro, ano xvii, nº19.

Silva, Léo. (2019). Futebol de rua, cano, bola de encher e carimba. Recuperado de: <https://www.miradajanela.com/2019/08/futebol-de-rua-cano-bola-de-encher-e.html>

Scheinvar, Estela. (2009) O feitiço da política pública. Escola, sociedade civil e direitos da criança e do adolescente. Rio de Janeiro, Lamparina.

## Apêndice - Mapa das Zonas de Vizinhanças





margem do rio  
B-boy  
Guarda-cantora

**mapa**<sub>das</sub>  
**de ZONAS**  
**vizinhanças**

Artista-articulador  
Cartógrafa-formadora  
atuante nas políticas  
públicas

Estado violento

Sobral  
2022

**Mestrado profissional de Psicologia e Políticas Públicas -  
Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral**

**Participantes**

B-boy Moisés  
Genete  
Leo Alves

**Orientadora**

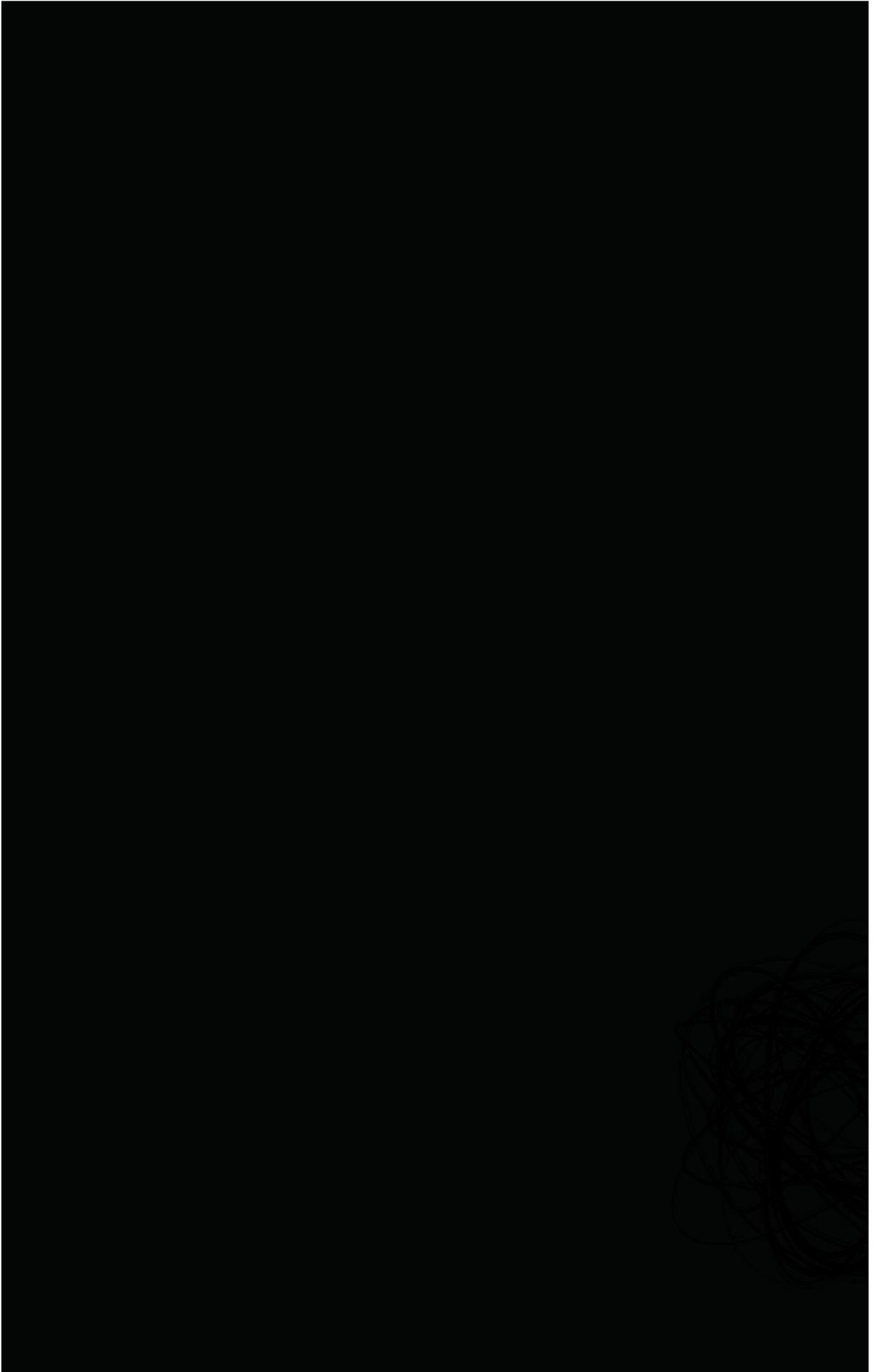
Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa

**Ilustração do rio**

Clara Dilernia

**Projeto gráfico, textos, Fotografias,  
Edição de som e vídeo**

Thamila Santos





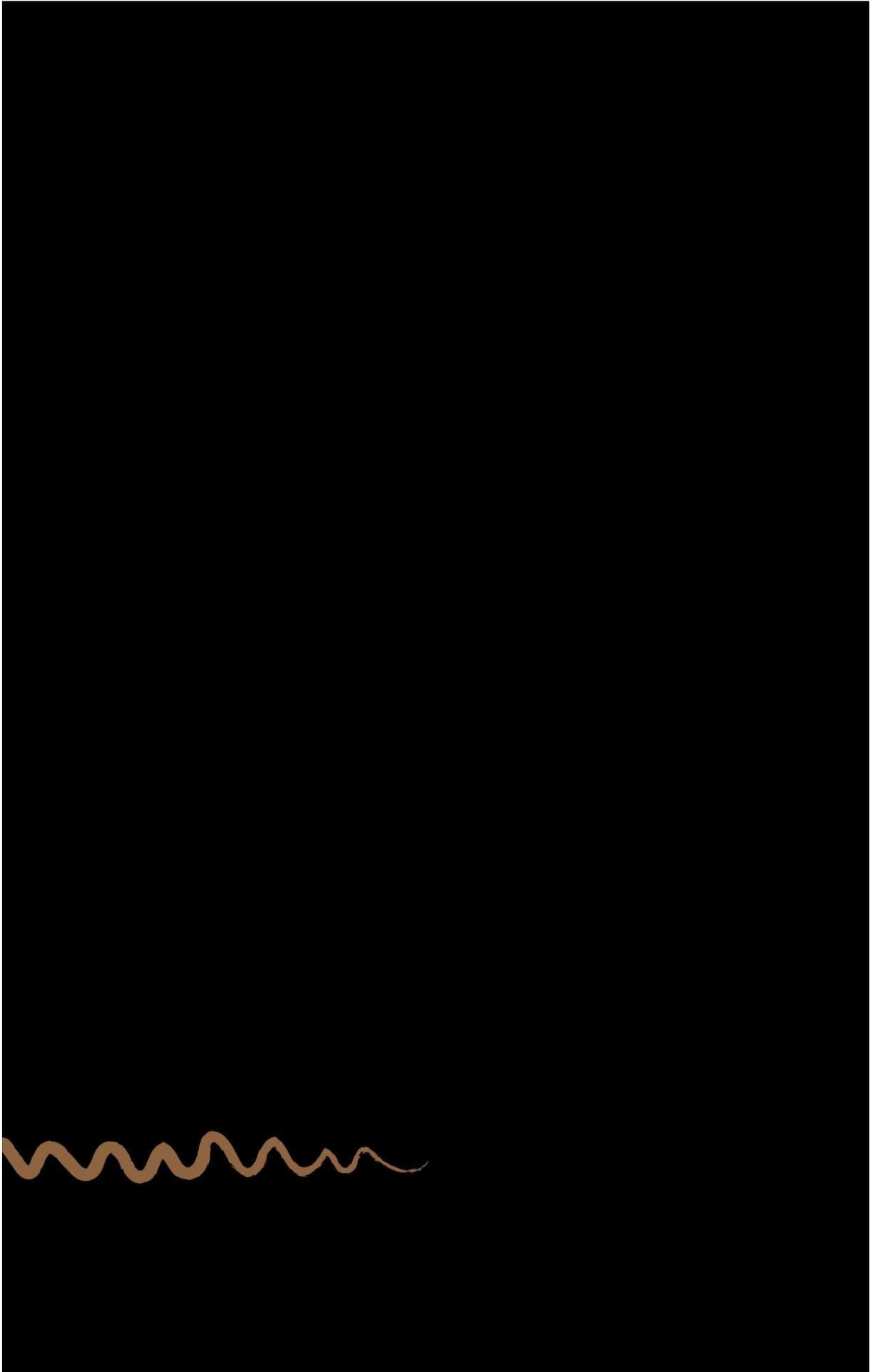
**Para aqueles que narram,  
que não esquecem,  
que dançam,  
que trabalham nas trincheiras,  
que não sucumbem aos projéteis e  
que inventam outros caminhos.**

**"você fez que  
o mapa de mo  
cidades dista  
outra exato  
fizessem s  
front**

Ana Martins

**estão de dobrar  
do que nossas  
antes uma da  
os 1.720 km  
subitamente  
eira."**

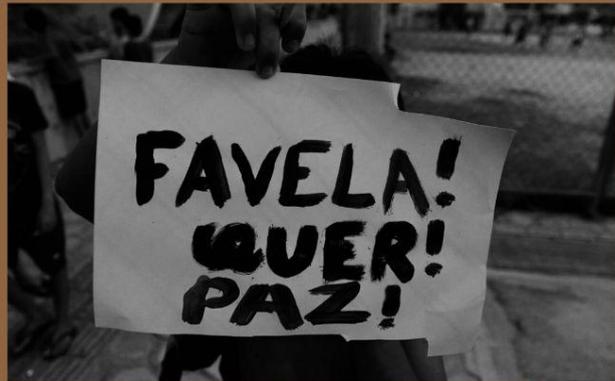
s Marques



# rotas

## zonas vizi- nhança

- 13 Plano de voo
- 15 A que serve essa inimizade?
- 18 Saídas
- 20 Rotas de atenção
- 24 A vizinhança como dispositivo metodológico
- 26 Percurso
- 28 Modo de fazer mapas de vizinhanças
- 30 Rotas de atenção
- 32 Personagens
  
- 36 Arte, política e perguntas
- 40 Comunidade de aprendizagem
- 42 Conversações ficcionais entre violências e resistências
  
- 58 Um modo de concluir

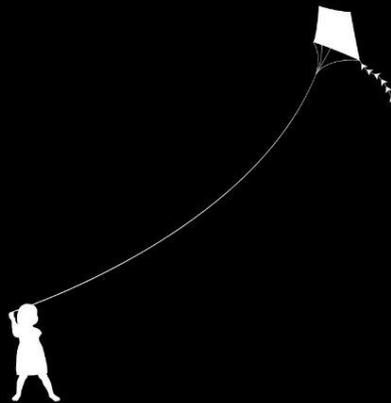


mapa das zonas de vizinhanças

2022



# plano de voo



Olá, quero te contar um pouco  
sobre este livro e o que me  
levou a escrevê-lo dessa forma.  
Topa ouvir?  
Então aponta a sua sua câmera  
para o QR code.



Não conseguiu pelo QR code, [clique aqui.](#)



Final de contas  
a que serve  
essa inimidade?

**Mbembe (2020) descreve que o motor do princípio necropolítico é o racismo, este poder opera por uma espécie de reversão entre a vida e a morte, como se a vida não fosse outra coisa senão o veículo da morte. Esse princípio "(...) está em ação no processo pelo qual, atualmente, a simulação permanente do estado de exceção justifica a "guerra contra o terror" (..) uma guerra que extrai suas armas do "mal" que alega erradicar." (Mbembe, 2020, p.69).**

**Deste modo, diante de uma guerra de "erradicação do mal", reivindica-se o direito à crueldade, à tortura e à detenção ilimitada de algumas populações, dentre estas negras e negros, indígenas, mulheres, transgêneros, pobres, imigrantes e outros grupos em condição de vulnerabilização. No governo do terror, é necessário dirigir-se a um grande inimigo que devemos a todo custo aniquilar. (Mbembe, 2020). A ficcionalidade de um inimigo sustenta as políticas de morte e naturaliza o extermínio do Estado, como ressalta o autor.**

**Esta pesquisa se insere neste panorama de acirramento de violências, mais precisamente as que se expressam por homicídios de adolescentes e jovens e se manifesta de forma ampliada na região Nordeste do Brasil. A taxa de homicídios no Ceará cresceu 159,7% ao longo de 11 anos. O índice passou de 23,2 homicídios por 100 mil habitantes em 2007 para 60,2 em 2017, conforme demonstra o Atlas da Violência (2019), a partir dos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e do Ministério da Saúde. (CADA VIDA IMPORTA, 2019.2).**



**Mbembe, Achille. (2020). Políticas da inimizade; São paulo: n-1 edições.**

**Cada vida importa: relatório final do comitê pela prevenção de homicídios na adolescência. governo do estado do ceará. (2019.2).**

Em 2020, dados da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, apontaram que a violência letal contra meninas adolescentes disparou. De 114 adolescentes que haviam sido assassinadas no estado do Ceará em 2018, houve um aumento de 43% em relação a 2017 e de 322% em comparação com 2016.

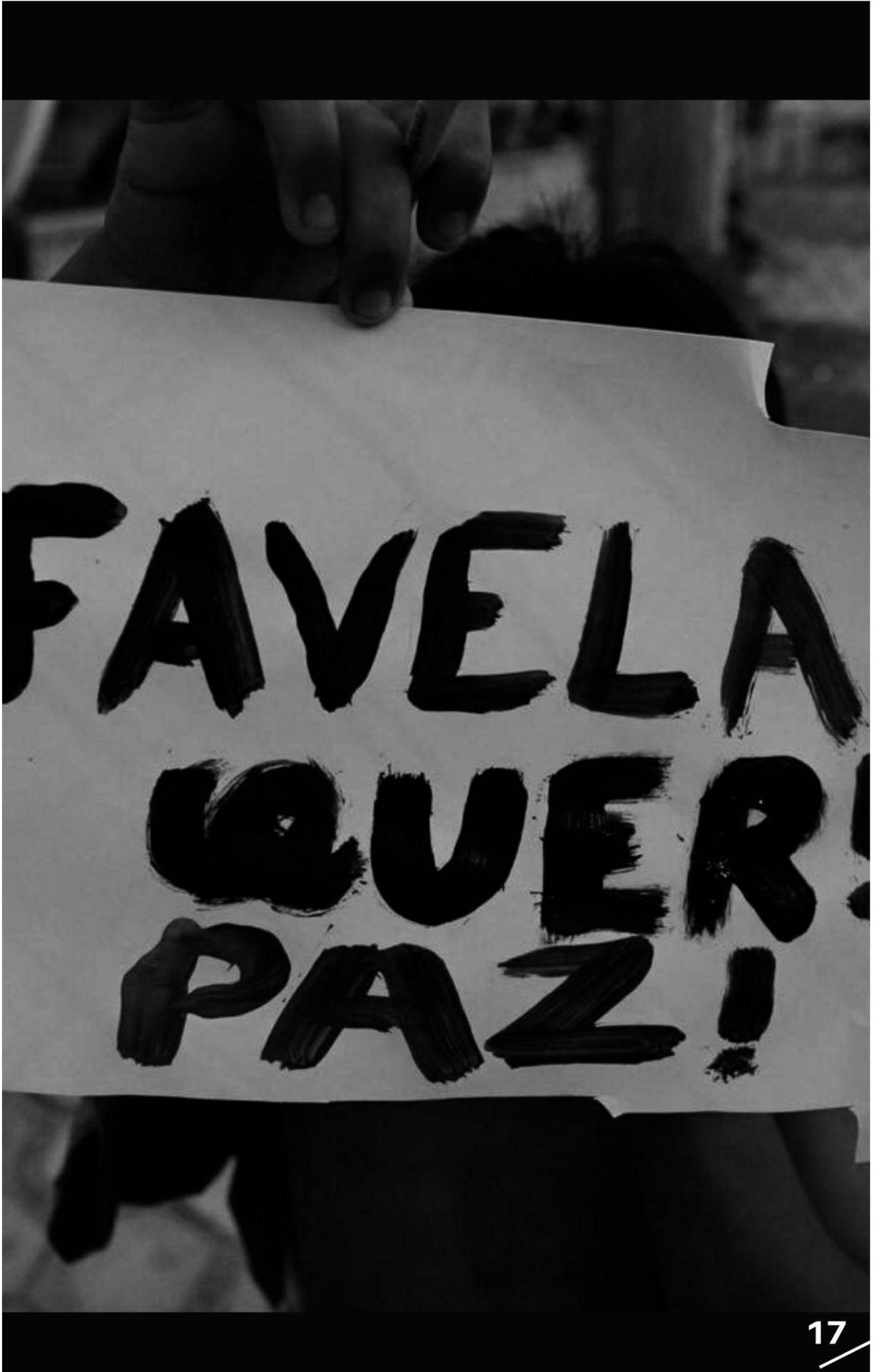
As políticas públicas de direitos humanos e prevenção de violências se inserem neste cenário de expressiva violência letal e os efeitos da necropolítica repercutem nos agentes que trabalham em territórios vulnerabilizados.

Como enfrentamento a esse problema, tomamos como inspiração o relatório Cada vida importa (2016) que expressa evidências e recomendações que atuam na transformação da situação de violência e vulnerabilização dos territórios periféricos. Destacamos dentre elas, os apontamentos para políticas formativas em direitos humanos com agentes de segurança pública.

Nessa perspectiva, foi pelas/nas composições entre nosso trabalho como gestora pública na Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção de Violências (UGP-PV), a vida em Sobral e as resistências em curso, que formulamos as questões desta pesquisa: *Como uma política de formação com guardas municipais e articuladores e articuladoras da juventude enfrenta questões da necropolítica e engendra resistências nos processos cotidianos de trabalho?*

# Então, como fazer?

Cartografando as experiências cotidianas de Guardas municipais e articuladores de juventude que vivenciaram processos formativos em Direitos Humanos na UGP-PV entre os anos de 2018 e 2019, uma vez que a unidade tem constituído diretrizes formativas desde o ano de 2018 para agentes da política pública que trabalham com prevenção de violências.



# Saiídas

A necropolítica é um pensamento complexo que oferece muitas formas de compreensão para processos políticos contemporâneos. Letícia Parks (2021) faz uma leitura crítica desse conceito e nos lembra que “é preciso dizer que está apontado para nosso futuro um caminho de morte, mas também está apontando um caminho de que não é desilusão, morte e distopia.”

Essa noção crítica envolve a denúncia de uma política de morte, mas sobretudo, amplifica as lutas em curso de trabalhadoras e trabalhadores que tem sido elaboradas no presente, onde guerra e política não estão descoladas.

No sistema colonial capitalista, é lucrativo propagar que não há saída. Contudo, como ressalta Parks (2021), o mundo está em convulsão, as vidas negras, feministas, indígenas e proletárias não estão silenciadas diante da opressão e exploração, por isso, novas lutas estão por vir e é sempre possível transformar mundos.



Assista ao vídeo  
O que é necropolítica?  
com Letícia Parks.

Aponte sua câmera para o  
quadrado ao lado ou clique  
[neste link.](#)



# escuta

Apostando na perspectiva de que é possível transformar mundos elaboramos o objetivo deste trabalho: cartografar as expressões de enfrentamento à necropolítica que atravessam o fazer de guardas e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados, através da criação de um dispositivo formativo artístico-político intitulado mapa das zonas de vizinhanças.

O *Mapa das zonas de vizinhanças* é um dispositivo artístico-político que põe em conversação as aprendizagens no/com o território de agentes da política pública.

O dispositivo se propõe como espaço formativo pois atualiza questões das formações vivenciadas anteriormente pelos sujeitos na UGP-PV e relança problematizações sobre os modos cotidianos de fazer política pública.

É uma experiência de encontros (im)possíveis a partir da escuta, do vínculo e da narratividade. De modo que articuladores de juventude e profissionais da segurança pública transitam entre zonas de conflitualidade e tensão.

narratividade

Vínculo



## **rotas de atenção**

**Importante considerar que a ideia de um encontro (im)possível entre agentes da política pública não propõe um apaziguamento e/ou neutralização das forças de tensão, contradição e complexidade entre territórios vulnerabilizados pela segurança pública. A política de aniquilamento brutal que o Estado produz, tendo a militarização como projeto de morte, é estrutural e estruturante de um sistema colonial, capitalista e burguês. Por isso, propomos através do Mapa das zonas de vizinhanças um diálogo formativo entre dois articuladores de juventude e uma guarda municipal que se expressa como uma conversa forjada a partir das complexidades e sensibilidades nos modos de fazer e de re-existir frente ao necropoder.**



Para continuar esse diálogo sobre as condições de (im)possibilidade que a necropolítica produz em territórios vulnerabilizados, te convidamos a escutar a música do artista cearense Mateus Fazen Rock, Do Harlem a Cajazeiras.

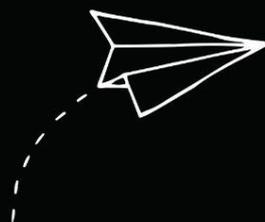
Se possível, escute sem pressa. Aponte a câmera para o quadrado ao lado ou clique neste link:





*Espaço reservado  
para movimento  
dos pensamentos.*

*ou para sentimentos agudos.*



# A vizinhança como dispositivo metodológico

A noção de vizinhança surge como um horizonte ético pois se relaciona com a problemática da pesquisa, já que nos interroga como produzir uma vizinhança entre trajetórias que comumente estão em pólos de inimidade cruzados pela necropolítica.

A ficcionalidade de um inimigo sustenta as políticas de morte e naturaliza o extermínio do Estado, como analisa Mbembe (2018). Tentamos elaborar, portanto, outro exercício político a partir da ficção, problematizando como os campos da arte, da política e dos direitos humanos podem ser instrumentos de imaginação política de enfrentamento ao necropoder.

Utilizamos a expressão ficção em diálogo com os estudos de Rancière (2009) sobre arte e política, não como oposição a um regime de verdade mas como efeito político que faz emergir o laço social a partir de vetores como a memória, o discurso, as narrativas e as imagens. Nesse sentido, “A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ‘ficções’, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o se faz e o que se pode fazer. (2009, p. 59).



Mbembe, Achille. (2018). Necropolítica. (3. ed). São Paulo: n-1 edições.

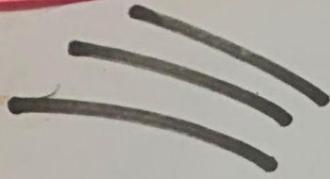
Rancière, Jacques. (2009) Se é preciso concluir que a história é ficção. dos modos de ficção. in: a partilha do sensível: estética e política. (2. ed). (pp. 52-62). São paulo: exo experimental org.; Editora 34.

A noção de vizinhança se expressa como tentativa de um caminho metodológico de desmanche das polaridades e diluição de fronteiras impostas pela necropolítica. Nesse sentido, a intencionalidade da dimensão de vizinhança foi nossa aposta de travessia entre lugares diferentes.

Se com a necropolítica a ficcionalização do inimigo cria territórios fixos cujo principal objetivo é delimitar para apagar as diferenças com a exclusão de várias existências; apostar na vizinhança pelo plano da alteridade desmancha fronteiras entre territórios fixos.

O projeto de aniquilamento da necropolítica produz impedimento de conversa. Incide aí, portanto, um a proximidade sempre ao avesso, sempre marcada pela violência e pela repressão. Nesta pesquisa, o mapa é um caminho que ficciona outra operação para este encontro.

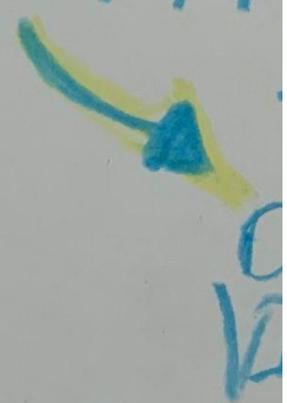
Uma aproximação para a politização de uma conversa, que suporta as complexidades que habitam esses territórios. Um encontro formativo que abre passagem para reviravoltas intensidades, deslocamentos e forças que se expressam entre esses percursos.



Peacv

1

ENTREVISTA  
CARTOGRAFIA



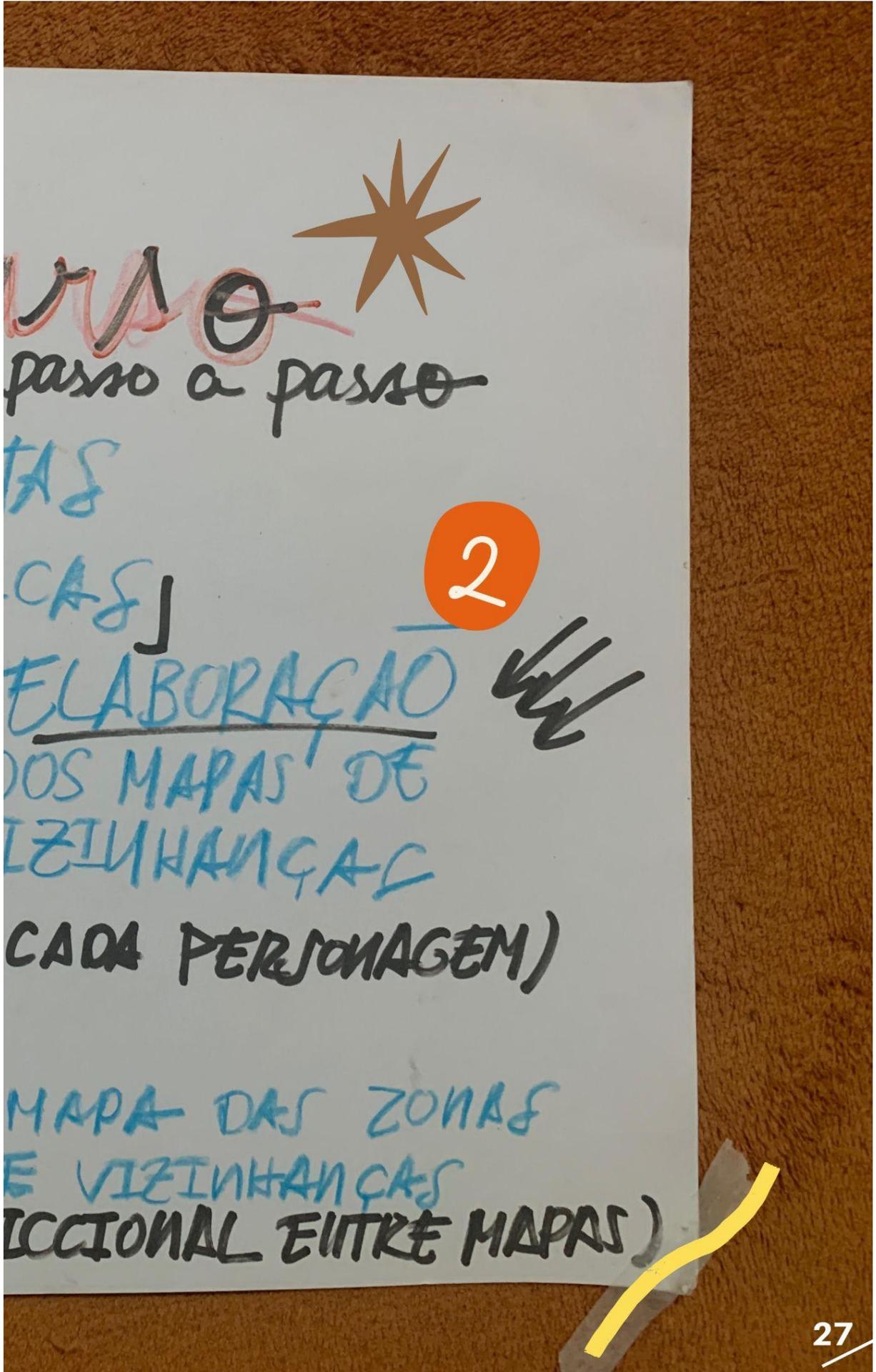
COM

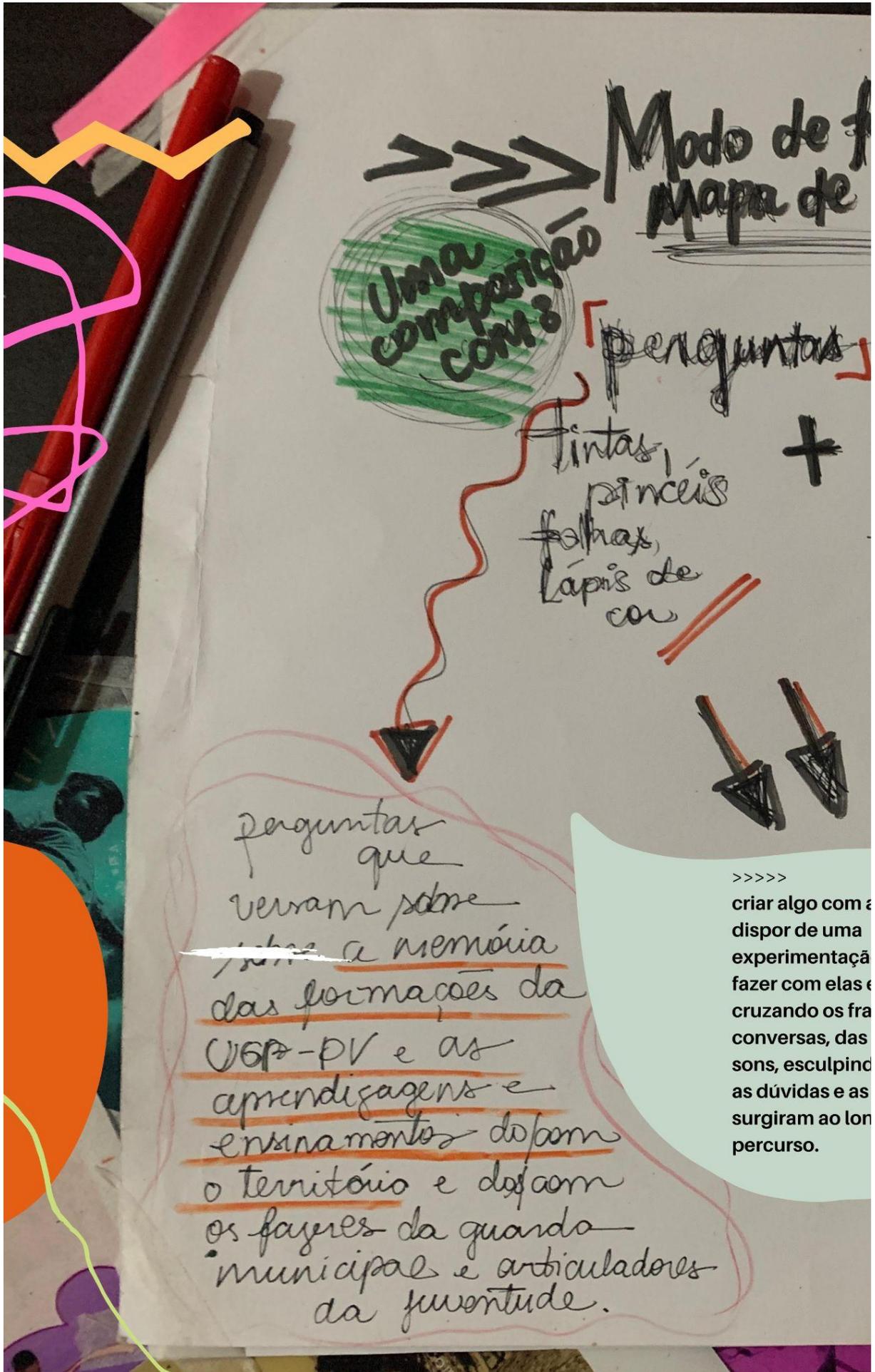
3

criação



UMA CONVERSA F





criar um  
vizinhanças: <<<

+ imagens +

personagens  
que possibilitem  
encontros com a  
diferença



as pessoas e

o sensível para  
eles,  
gmentos das  
perguntas, dos  
lo as imagens,  
pistas que  
go do

fotografias  
que dialogam  
com cenas da  
pesquisa registrada  
pela pesquisadora nas  
intervenções do trabalho  
nas políticas.



## **rotas de atenção**

**A partir de uma política de narratividade, optamos por apresentar os participantes da pesquisa como personagens que suscitam nossa imaginação política, nomes que catalisam forças trazidas na conversa como analisadores de seus processos de subjetivação. Todos os participantes autorizaram o uso das imagens e do nome próprio nos registros da pesquisa. Escolhemos inventar outro modo de chamá-las e chamá-los para que o exercício de nomear as pessoas, as paisagens e as políticas sejam também fruto de um encontro com a alteridade, um efeito de diálogo com aquilo que não se é (como acabado) mas pode vir a ser no/do encontro. São personagens da pesquisa: margem do rio, Estado violento, artista-articulador, b-boy, guarda-cantora e cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas.**

Os itinerários das entrevistas cartográficas foram vivenciados em um mundo pandêmico após a segunda onda de covid, com a liberação e flexibilização do uso social dos espaços públicos.

Fiz a primeira entrevista com artista-articulador e esse encontro foi muito importante para os passos seguintes da pesquisa. Durante o percurso ao seu encontro, gravei um vídeo para registrar as cenografias de trânsito entre um lugar para o outro.

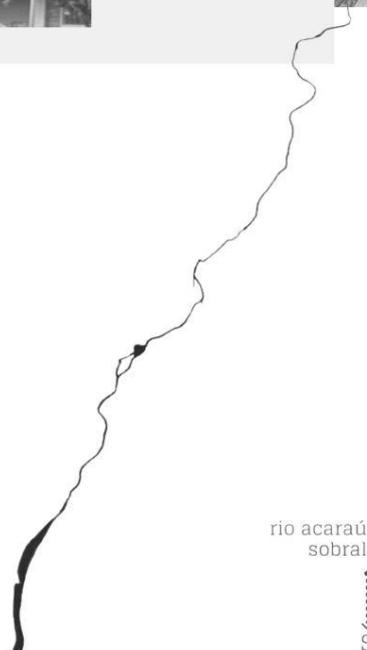
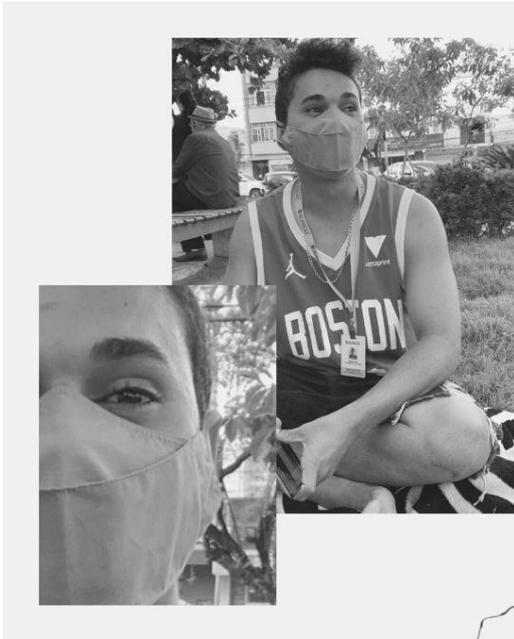
Descrevo um pouco sobre essa experiência no diário de campo e que tempos depois se transformou em uma experiência audiovisual que compõe a narrativa do trabalho.

Para acessar o vídeo, aponte sua câmera para QR code ou clique [neste link](#).



# Personagens

**Artista-articulador**  
**B-boy**  
**Guarda-cantora**  
**Margem do rio**  
**Estado Violento**  
**Cartógrafa-formadora**  
**atuante nas políticas públicas**



rio acarajú  
sobral



"Há poder em olhar."

**bell hooks, *Olhares negros: raça e representação***

"Quando o cano das armas se cala  
O kuduro também fala  
Porque a voz tem mais poder que a bala."

**Kalaf Epalanga, *Também os brancos sabem dançar***



hooks, bell. (2019) *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

Epalanga, Kalaf. (2018). *Também os brancos sabem dançar*. (1 Ed.). São Paulo: Todavia



TERRITÓRIO

ARTICULADORES



GUARDA

POLÍTICA PÚBLICA

# Arte, política

**Destacamos o aspecto ético-político-estético na elaboração dos mapas de vizinhanças. O agenciamento com uma política do sensível expressa uma experiência de sentido através dos encontros.**

**Por isso, o dispositivo artístico foi construído com os personagens e cultivou a ideia de um ateliê de experimentação, com ideias provisórias, nômades, inacabadas, evocadas a partir de um outro tempo de relação com a atenção e com a aprendizagem.**

**Houve intencionalidade na criação desse tempo de pausa, de encontro e de experiência. Os personagens escolheram os espaços da entrevista e pensamos na composição da ambiência, a escolha dos materiais e na curadoria das imagens que se relacionavam com o cotidiano do trabalho das formações realizadas pela UGP-PV.**

# e as perguntas

Elaboramos algumas perguntas para as entrevistas cartográficas que versavam sobre a memória das formações da UGP-PV, as aprendizagens e ensinamentos do/com o território e com a guarda municipal.



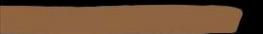
*Qual memória você tem da formação vivenciada na UGP-PV?*



*O que/como você aprende com o território?*



*O que/como você ensina ao território?*



*O que/como você aprende com a guarda municipal?*



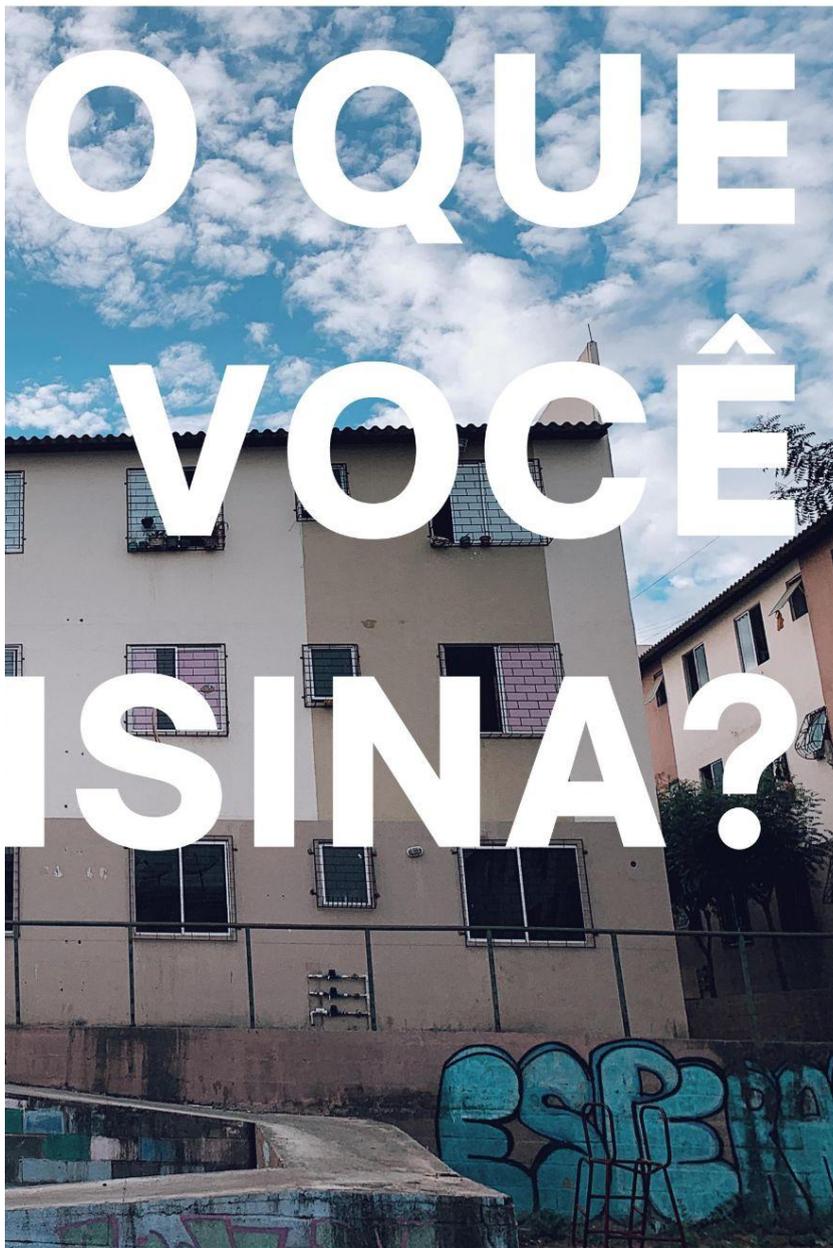
*O que/como você ensina a guarda municipal?*

As perguntas movimentaram a conversa e conjugaram linhas de articulação entre os aprendizados desses agentes das políticas públicas com seus fazeres e territórios.



TERRITÓRIO

ARTICULADORES



GUARDA

POLÍTICA PÚBLICA

# comunidade de aprendizagem

A dimensão formativa do mapa das zonas de vizinhanças se estabelece no plano comum entre as questões do cotidiano compartilhadas pelos personagens. A ideia de formação que se expressa como deformação, um exercício de decolonialidade do pensamento e transversalização de saberes, práticas e redes.

Fazemos vizinhança aos estudos multiculturais da pedagogia crítica de Paulo Freire e bell hooks que nos ativam o pensamento para mundos diversos.

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (hooks, 2017, p22)

Nesse sentido, a ideia é pôr em diálogo os mapas dos personagens para produzir fricções e rotas que mobilizem o pensamento e as práticas. Utilizaremos para essa discussão localizadores-analisadores como pontos de intensidade das cartografias de enfrentamento à necropolítica no cotidiano de guardas municipais e articuladores de juventude.

Para isso, apresentamos a seguir algumas cenas analíticas elaboradas pelo cruzamento dos mapas de vizinhanças de artista-articulador, b-boy e guarda-cantora. Um diálogo que convida os outros personagens da pesquisa a também se colocar em vizinhança, como margem do rio, Estado violento e cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas.



**SE  
LIGA  
NA  
REFERÊNCIA**

hooks, bell. (2017) Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. (2 ed). São Paulo: editora wmf martins fontes.

**CONVERSACÕES  
FICCIONAIS  
ENTRE  
VIOLÊNCIAS E  
RESISTÊNCIAS**



# Localizadores

O território é diverso. (...) O que faz eu andar lá (em um bairro rival) é que a galera tem respeito pelo que represento, o crime mesmo sabe disso, eles têm a lei mas eles sabem que às vezes é preciso ceder. (...) eles dizem: aquele cara é o cara do hip hop, ele vem aqui para fazer cultura para os pivete e essa construção abre passagem. (Trecho da entrevista cartográfica com b-boy, 2022).

Tem uma frase do Djonga... "Dei um emprego pra você que estava no crime e apaziguei a treta". Se liga? Acho que a arte dá um lugar. A arte é uma forma da pessoa se descobrir, acredito que todo mundo quer se encaixar em algo, tende a querer se descobrir em certo lugar, com certo tipo de gente, com algum grupo... A arte possibilita isso, além do tipo físico, da estética... qualquer tipo de arte é válida desde que a pessoa se sintam bem. A arte abre caminho para construir uma identidade. (Trecho da entrevista cartográfica do B-boy, 2022)

## Arte

## Formação na periferia

uma das coisas importantes que eu ensino para os pivete é ser resistência. Saber do lugar onde você mora e tentar acessar outros espaços não porque você quer chegar ali se metendo nos espaços dos outros mas porque é um espaço que você deve ocupar. (Trecho da entrevista cartográfica do artista-articulador, 2022)

A luta para passar a informação para os pivete é essa. Pegar conhecimento para passar para os irmãos que não podem ter acesso por conta dos conflitos territoriais. Isso é crucial, formar nossos pivetes para dar tiro e informação na cara do sistema. (Trecho da entrevista cartográfica do artista-articulador, 2022).

Artista-articulador toca nessa ferida quando fala que seu corpo é flagrante, quando mostra a forma como a cidade é desenhada para favorecer alguns corpos e rejeitar outros. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

## Subjetividade criminalizada

Ele recorda da experiência de subir ao palco da virada cultural no Arco do triunfo para cantar no aniversário da cidade e da sensação de alegria de cantar no palco principal da cidade, com tantas pessoas lhe ouvindo, um fragmento de glória, autoestima, realização pessoal e profissional enquanto se deu conta de que na plateia jovens periféricos sofreram um "baque" violento da polícia militar. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

violências e resistências

# analisadores

## Territórios

Quanto mais mergulhei no universo de um território diferente do que habito ou de uma experiência de ofício que não vivo, mais questioneei os traços de colonialidade da branquitude, da militarização da polícia e da política, da hierarquia da cidade e do aniquilamento de alguns corpos. Questões que interseccionam a condição de violência cotidiana dos personagens da pesquisa e tem efeitos em relação aos nossos avizinhamentos. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

O território é muito diverso, às vezes tem situações que eu não gostaria de aprender. (...) Ter a presença de situações muito nocivas tão cedo na vida, desestrutura uma certa vontade de querer ser algo ou então querer fazer algo massa. (...) ver corriqueiramente coisas pesadas, arma, droga, briga entre família, vizinhos. (Trecho da entrevista cartográfica de b-boy, 2022)

## Margem do rio

No decorrer da minha trajetória eu fiz amizades muito profundas através da guarda. A dona Socorro, uma vizinha aqui da margem do rio, eu conheço desde os anos 90. Eu vinha aqui na casa dela e tomava um café todos os dias, papeava bastante. Quando eu soube que ela estava com Covid eu me desesperiei. Covid é traiçoeiro. Antes de vir pra entrevista eu passei na casa dela ali em cima e chorei bastante com a filha dela. Então, as amizades estão nesse meio, me ligam a guarda. (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022)

“O risco está calculado, o turno da manhã é mais de boa e tô com saudade da margem esquerda”. (Trecho do mapa de vizinhanças do artista-articulador, 2022).

## Formação em direitos humanos

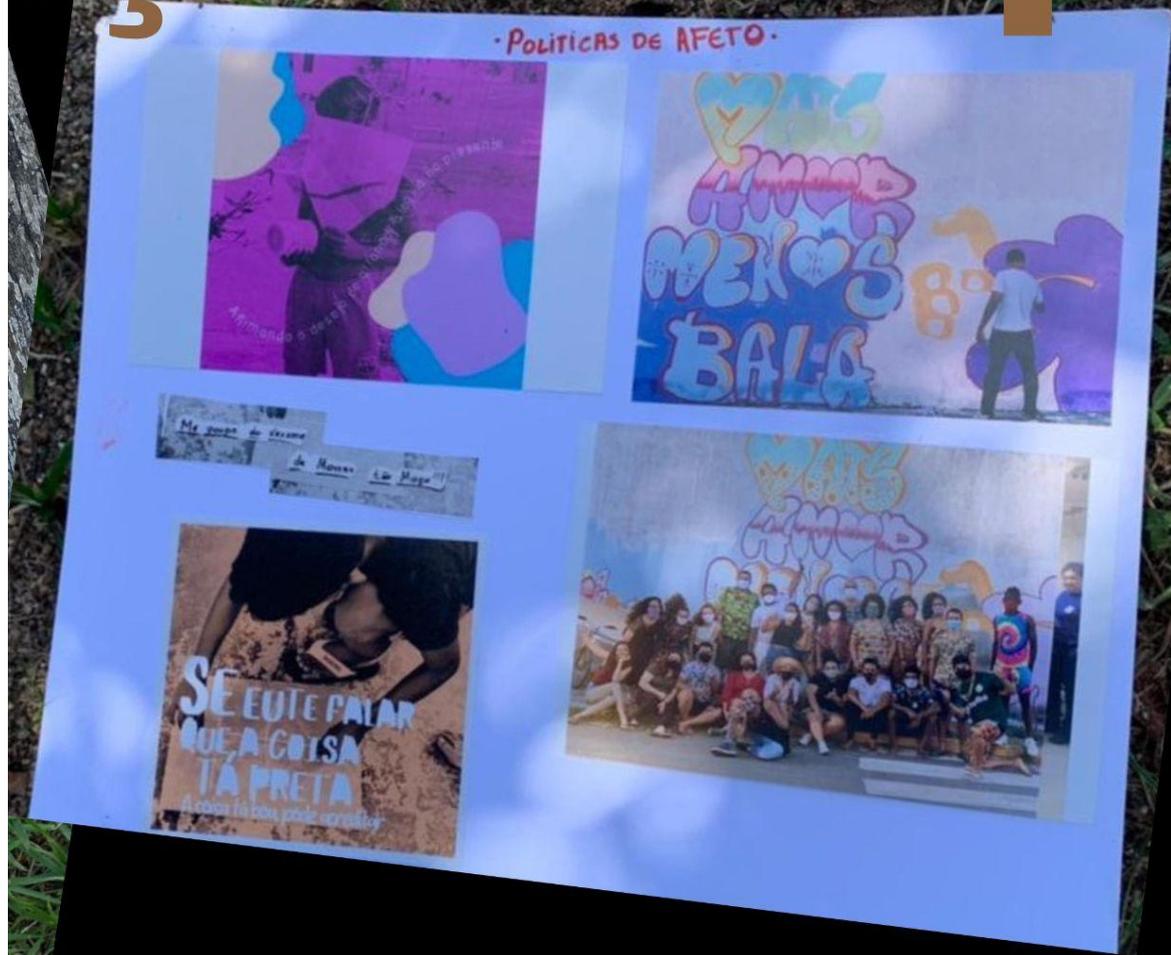
Naquela formação estávamos em campos diferentes. A galera dos direitos humanos, a galera da guarda. Só que tinha algo que nos ligava ali. (...) A cultura do medo é implantada nas pessoas, quase sempre o agente de segurança é inimigo e ele é inimigo não só porque você o teme mas porque eles agem como tal. (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022).

Eu fui pro curso meio que com raiva, quando eu cheguei no curso eu vi que os guardas que estavam lá estavam piores do que eu, foi uma resistência, falou de direitos humanos falou de algo ruim. Eu imaginava que direitos humanos era só pra defender bandido mas direitos humanos é pra defender o humano, os guardas, os policiais, os jovens, o bandido. E aí eu via que tudo que se falava lá os guardas rebatiam. Ai meu deus, estão piores do que eu. Ai eu comecei a ver com melhor olhos, com um olhar diferente do que eu estava imaginando. (trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022).

# Mapas de de vizinhança



# o vizinho Mapa



**rotas de  
atenção**

Destacamos o aspecto ético, político e estético na elaboração dos mapas. Os mapas construídos com os personagens cultivaram a ideia de um ateliê de experimentação, com ideias provisórias, nômades, inacabadas, evocadas a partir de um outro tempo de relação com a atenção e com a aprendizagem. Houve intencionalidade na criação desse tempo de pausa, de encontro e de experiência. Os personagens escolheram os espaços da entrevista e pensamos na composição da ambiência, na escolha dos materiais e na curadoria das imagens que se relacionavam com o cotidiano do trabalho das formações realizadas pela UGP-PV.

# Localizadores

## **Vozes que não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada - como se o menino tivesse andando no céu**

A noção do território como espaço de imaginação, afeto e acolhimento insurge como localizador-analisador comum nas três entrevistas. Artista-articulador partilha "que em momentos difíceis ninguém solta a mão de ninguém ali." , expressando valores de solidariedade, dignidade e decência também atribuídos pela Guarda-cantora quando lembra do seu lugar.

B-boy desenha o território como um lugar fértil para imaginação. Ele cola a fotografia da formação em parkour da UGP-PV que mostra uma criança "brincando no céu" e faz um depoimento poético sobre a ilusão de ótica da imagem que merece ser considerado sem muita pressa. (A imagem e o relato seguem mais a frente).

A construção de um processo formativo com várias vozes, estabelece-se em vizinhança com a ideia de bell hooks sobre uma comunidade de aprendizagem e/ou sala de aula como prática da liberdade, quando as estratégias de ensino consistem em direcionar a atenção para as vozes uns dos outros, ligando o conhecimento ao ato de partilha de narrativas pessoais, usando "estrategicamente esse ato de contar - achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos." (hooks, 2017)

violências e resistências

# analisadores

Voz usada por guarda-cantora para narrar como muitas pessoas têm medo de chegar até ela e quando a veem cantando, por exemplo, ficam abismadas. "Ela é a guarda?". Parece algo contraditório, né? Mas não devia ser." Parece que na relação com uma identidade fixa não é possível fazer cortes nas imagens, mudar de posição, aproximar e distanciar as coisas.

A vitalidade de sua voz pode ser ouvida e amplificada. Uma voz que contagia, um sorriso aberto, de alta frequência. A seguir, separamos um trechinho da entrevista onde ela canta infinito particular de Marisa Monte. É um deleite!

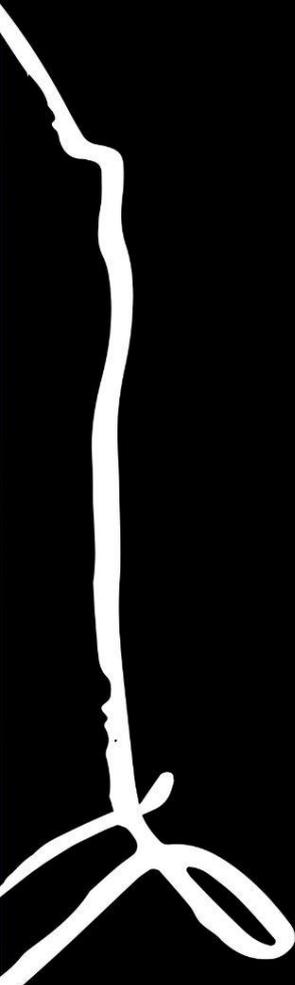
Pra ouvir, aponte sua câmera para o QR code ou acesse através deste [link](#).



*Espaço reservado  
para suspiros*



**Vozes que não podem ser  
silenciadas pela subjetividade  
criminalizada - como se o menino  
tivesse andando no céu**



Acho que essa imagem é muito interessante pela forma que ela foi tirada, é como se o menino tivesse andando no céu. eu acho que isso aqui é próximo do que a gente tenta fazer no território: andar no céu mesmo que esse céu esteja longe. Quem mora na periferia experimenta isso muitas vezes, é muito massa você sair à noite e ver muita gente na calçada. Você vai para o centro e não tem as pessoas conversando na calçada e na periferia apesar de tudo que acontece, tem criança jogando bola no meio da rua e empinando pipa. Acho que isso é como a pessoa morar na periferia e andar no céu ao mesmo tempo. (Trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022)

# Localizadores

## As lentes de uma educação menina em direitos humanos

A inspiração cartográfica me permitiu como cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas me prolongar em conversas com os personagens da pesquisa a partir de uma multiplicidade de lentes que já compunham meu ethos profissional e pessoal, como a linguagem das artes visuais e fotografia.

Por isso, as fotografias das intervenções da UGP-PV, das formações e do cotidiano com a cidade participam como elementos visualizadores para construção do mapa das vizinhanças. Elementos que narram uma poética visual da cidade e dos territórios que não destaca precarização e escassez mas, sobretudo, no que o cotidiano comunitário tem de comum, vivo, vibrante e inventivo.

Neste tópico utilizo a dimensão da lente como um localizador-analisador relevante para a pesquisa, cruzando as imagens dos mapas de vizinhanças dos personagens com minhas implicações como cartógrafa-formadora.

Para esse diálogo, recorro a um texto potente do Walter Kohan em alusão ao tempo da intensidade da educação libertadora, uma releitura da palestra do Paulo Freire na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no dia 2 de junho de 1988, intitulada "Direitos Humanos e Educação Libertadora". A meninice e a infância expressam-se como movimento político na obra de Freire no sentido de:

violências e resistências

# analisadores

(...) um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina." (Kohan, 2021, p.7)

Os três personagens convidam às infâncias para compor seus mapas a partir de um território que se faz vivo e imaginativo pela presença brincante do menino no céu, como lido pelo b-boy ou uma menina cantora, que trama com os grupos de quadrilha do bairro uma voz que nunca se cala, como compõe guarda-cantora. Outra meninice que insurge é o menino-pivete das quebradas com a pipa, a primeira imagem que artista-articulador coloca no mapa, se afirmando todo orgulhoso como "formador dessa galera", "vendo essa galera ter out ra perspectiva."

O deslocamento da noção de poder na formação é muito significativo, quando o formador ou formadora é o agente periférico, reconhecido pela sua comunidade de aprendizagem como aquele que sabe, que vê, que narra e que luta.

O jogo simbólico e concreto de deslocamento nas imagens proposto pelo mapa de vizinhanças cultivou uma pedagogia de perguntas. A fotografia com o grupo da guarda municipal que participou da formação da UGP-PV em 2019 foi composta de três modos diferentes a partir da perspectiva de cada interlocutor(a).



Kohan, Walter. Quantos anos tem paulo freire? (2021) Educação: teoria e prática. Rio Claro, sp/ v. 31, n.64

# Localizadores

## As lentes de uma educação menina em direitos humanos

A fotografia não é uma representação da realidade mas uma produção, que possibilitou interstícios de conversa sobre a memória da formação anterior sobre os conhecimentos acerca dos direitos humanos.

Quando viu a fotografia, guarda-cantora provocou risos: "Eita, eu sai quase cortada da foto".

Artista-articulador produziu outros sentidos sobre a mesma imagem, revelando as questões de gênero e raça, observando quantos guardas municipais são negros e quantas eram mulheres, rememorando experiências truculentas de alguns desses agentes no território e cortando a imagem da guarda-cantora do restante do grupo para trazê-la para perto da fotografia de sua equipe de trabalho na UGP-PV.

Nos pomos a pensar que entre a experiência de quase sair cortada de uma das imagens para literalmente ser cortada para produzir vizinhança em um outro lugar tem um caminho que nos põe a pensar sobre a experiência de inclusão, exclusão e de aniquilamento. Nesse caminho, B-boy cria um outro vetor que contribui para a conversa, pois cola a fotografia da guarda municipal sob outra perspectiva, posicionando em vizinhança a fotografia de uma menina com uma câmera fotográfica olhando para a guarda. Como considero provocador nosso diálogo sobre esse movimento de intervenção no mapa, reproduzo ao lado na íntegra.

violências e resistências

# analisadores

**B-boy:** Acho que aqui (aponta pra foto dos guardas) era pra ser uma galera de lá (aponta para imagens da periferia). A segurança pública deveria ser feita por pessoas e não por fardas. Coloquei ela fotografando os guardas porque eu queria que ela visse os guardas que a gente não vê. Que ela visse não guardas mas pessoas que guardassem a periferia. As instituições de segurança não guardam as pessoas, os direitos das pessoas de ir e vir. Na minha visão, essa menina está vendo uma espécie de guarda que guarda os direitos humanos.

**Cartógrafa-formadora:** a forma como você compôs a imagem me fez pensar. Nesse movimento, você saiu da oficina de fotografia lá do morro, que a menina participava como estudante e a levou para ser formadora de uma educação em direitos humanos com os guardas. Houve um deslocamento aí. (trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022).

É muito fértil essa referência à menina que olha uma guarda municipal que está por vir, que com seu olhar-menina, de meninice e infância, pode ser de outro modo, pode guardar a periferia no sentido de proteção e direitos. Essa elaboração do B-boy ressoa com aquilo que Kohan e Paulo Freire falam sobre uma educação-menina, pois (...) mostra também um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina." (Kohan, 2021, p.7)



REFERÊNCIA

**SE** Kohan, Walter. Quantos anos tem paulo  
**LIGA** freire? (2021) Educação: teoria e prática.  
**NA** Rio Claro, sp/ v. 31, n.64



**(...) menina, ali, é um qualificativo que não tem o sentido etário, de uma curta idade; não é menina, Paulo Freire afirma explicitamente, por ser “recém-chegada”, é menina “pela sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar”. (Freire, Faundez, 2017, p. 231 como citado em Kohan, 2021, p. 8)**

# Um modo de concluir

Se você chegou até aqui caminhou um bocado. Sugiro que você feche este livro, beba uma água e faça algo saboroso que te faça descansar. A pausa também é formativa, por isso colocamos alguns espaços reservados para suspiros e movimentos do pensamento.

Caso você tenha lido este livro e esteja curiosa(o) sobre a pesquisa de que tanto falo, te indico no final do texto o arquivo para a dissertação de mestrado profissional em Psicologia e Políticas Públicas de onde ele foi cultivado. São materiais complementares em formatos diferentes.

Será uma alegria ver os registros da pesquisa circulando, gestando inspirações e provocando outras formas de pensar e ficcionar formações com grupos e profissionais que estão em zonas de diferença.

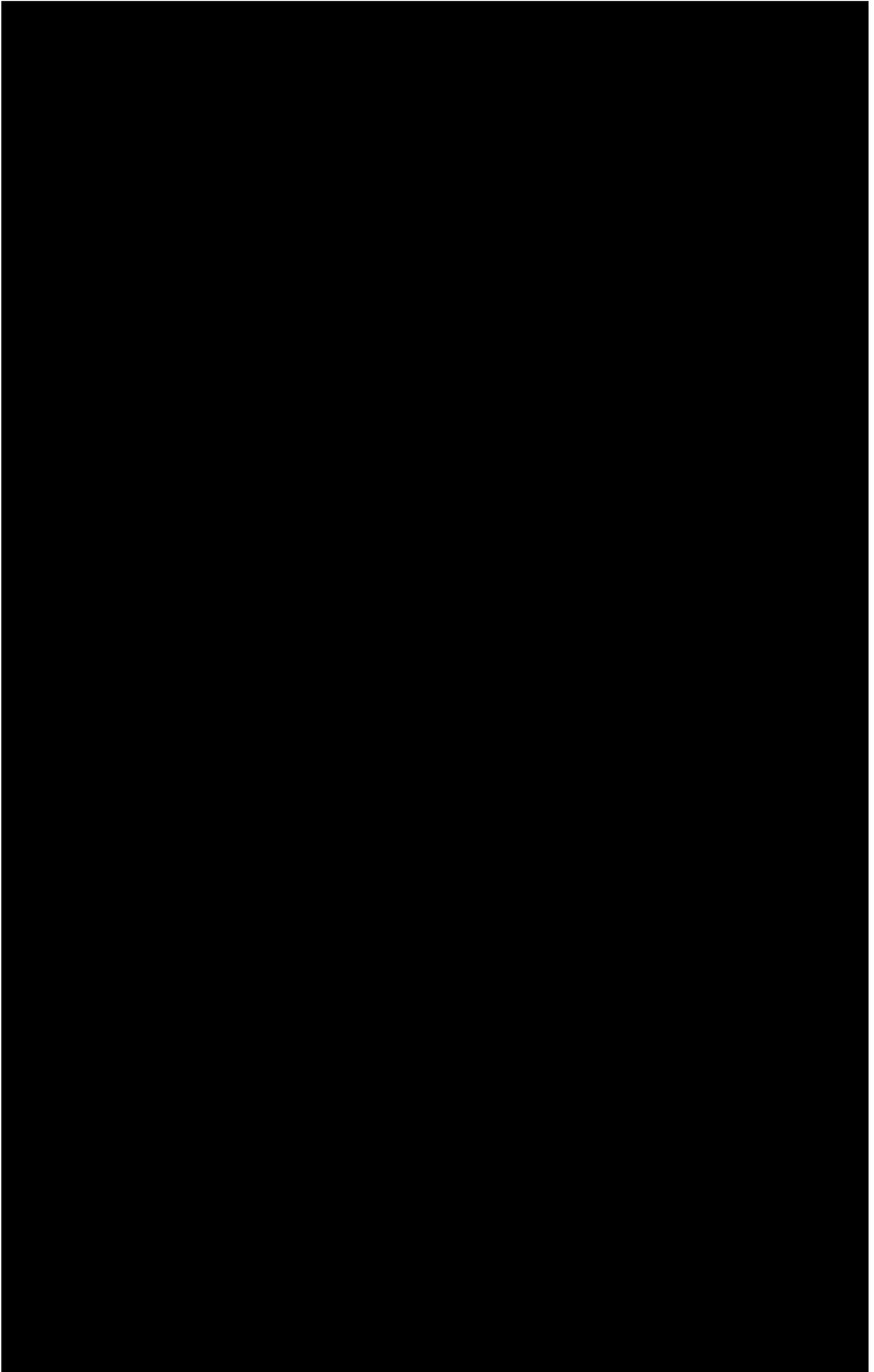
Nosso desejo é que o *mapa das zonas de vizinhanças* possa ser um material replicável, embora mantenha-se apoiado na singularidade de cada grupo que possa vir a vivenciá-lo como método.

Que a gente não esqueça que o que faz viva uma revolução é o que faz viva uma educação em direitos humanos. Ou seja, aprender cotidianamente com a imaginação política de B-boy a manter-se menina no sentido de formadora, questionadora, sonhadora, na luta por outro mundo.

Link para dissertação [aqui](#).

**Cartógrafa-formadora atuante nas Políticas Públicas**

Sobral, 14 de Junho de 2022.





UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ